

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mônica Ferreira de Araújo

O lazer e sua articulação com a educação:
concepções de alunos e professores de um curso de extensão
universitária sobre educação e envelhecimento

MESTRADO EM EDUCAÇÃO - CURRÍCULO

SÃO PAULO
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mônica Ferreira de Araújo

O lazer e sua articulação com a educação:
concepções de alunos e professores de um curso de extensão
universitária sobre educação e envelhecimento

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mere Abramowicz.

SÃO PAULO
2008

Banca Examinadora

A todos aqueles que
educam com prazer,
nos momentos de lazer
e para todas as idades.

AGRADECIMENTOS

A minha família, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Aos professores do curso de Especialização em Docência Superior, em especial ao prof^o Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo e ao prof^o Dr. Marcos Tarciso Masetto, que colaboraram – respectivamente - para minha reflexão sobre a teoria do Lazer e o papel do professor no ensino superior.

A prof^a Dra. Rita de Cássia M. Trindade Stano, pela jovialidade e compromisso com que lida com as pessoas de uma maneira geral e com a educação no processo de envelhecimento.

As professoras da banca examinadora prof^a Dra. Regina Lucia Giffoni Luz de Brito e prof^a Dra. Vitória Kachar, pelas considerações que contribuíram para a construção do trabalho em especial à profa. Vitória pelo incentivo ao ingresso no mundo acadêmico, desde os primeiros passos do projeto, no curso de extensão Educação e Envelhecimento, até o processo seletivo para o Mestrado na PUC.

A prof^a Dra. Mere Abramowicz, pela parceria e valiosa orientação deste trabalho.

Ao CAPES e SENAC pelo incentivo e financiamento da pesquisa.

A amiga Rosangela, companheira nos momentos de desabafos e alegrias, desde os primeiros dias de aulas na PUC.

E a todos os seduzidos pela temática, agentes multiplicadores da importância da articulação entre Educação e Lazer.

"Todos esses que ficam
aí, atravancando o meu
caminho. Eles passarão,
eu passarinho..."

(Mário Quintana)

Mônica Ferreira de Araújo

O lazer e sua articulação com a educação:
concepções de alunos e professores de um curso de extensão
universitária sobre educação e envelhecimento

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar o lazer e a sua articulação com a educação, através das concepções de alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre “Educação e Envelhecimento”, de uma instituição de ensino, localizada no município de São Paulo.

Destaco como pressuposto, o desconhecimento quanto à amplitude das temáticas Lazer e Educação associados ao processo de envelhecimento. O trabalho é desenvolvido com base nos aspectos teóricos, observando as concepções de lazer indicadas por pesquisadores da área; suas relações com questões como o tempo, a atitude, a cultura vivida, as atividades, os espaços; e a articulação existente com a possibilidade de educação permanente assim como a busca pela melhoria da qualidade de vida em meio ao processo de envelhecimento, a partir das concepções de alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre “Educação e Envelhecimento”.

Palavras chave: lazer, educação, envelhecimento

Mônica Ferreira de Araújo

Leisure and its articulation with the education:
students' and professors' conception in a college course about growing
old and education

ABSTRACT

The present research is aimed to investigate leisure and its articulation with the education, through the students' and professors' conceptions, in a college extension course about growing old and education, in a teaching institution located in the city of São Paulo.

I highlight as presumptive, the ignorance, considering the extension of the themes, leisure and education associated to the process of growing old. This term was developed, based on theoretical aspects observing leisure concepts indicated by researchers of the area. Its relations to questions such as time, attitude, lived culture, activities, space; and the articulation which exists, with the possibility of permanent education, as well as the search for improvement of life quality, inserted in the process of growing old, from the students' and professors' conceptions in a college extension course about education and the growing old period.

Keywords: leisure, education, growing old

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 . Conceituando Lazer.....	15
Sobre o Tempo.....	21
Sobre a Atitude.....	23
Sobre a Cultura.....	25
Sobre os Espaços de Lazer.....	30
Sobre as Atividades.....	33
1.2. A articulação Lazer e Educação.....	36
No Brasil.....	44
Educação para o lazer e Educação pelo lazer.....	48
1.3. Tempo livre: reflexões sobre envelhecimento e cidadania.....	52
Educação permanente e espaços educativos.....	57
2 - METODOLOGIA UTILIZADA	
A pesquisa qualitativa.....	63
O cenário.....	66
Os protagonistas.....	70
A organização dos dados.....	71
3 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICE.....	92

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga o lazer e sua articulação com a educação, através das concepções de alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento. O interesse pela temática surgiu a partir das experiências pessoais e profissionais adquiridas nos meus 20 anos de atuação, nos diversos segmentos do Lazer.

Minha carreira profissional e universitária se iniciou em 1987, no curso de Licenciatura Plena em Educação Física e Práticas Desportivas das Faculdades Integradas de Guarulhos, em São Paulo, com experiências desde monitora de programas de lazer para público diversificado à professora substituta de Educação Física para alunos dos antigos cursos ginásial e colegial, nas redes pública e particular de ensino.

Com o curso de graduação concluído, continuei a ministrar aulas, só que desta vez, em dois universos distintos: para crianças de sete e oito anos do ensino fundamental (em 1990 e 1991, chamado de ciclo Básico) e para alunos do curso de formação de professores no CEFAM – Centro de Educação em Formação do Magistério, com a disciplina de Educação Física Infantil.

Enquanto professora, com a possibilidade de recesso e férias escolares (além dos feriados prolongados), desenvolvia atividades paralelas através da prestação de serviços no segmento turístico-hoteleiro, em programas especializados de lazer aplicados a parques temático e de áreas naturais, excursões, festas, empresas e meios de hospedagem.

No trabalho com a área de lazer pude perceber – nos anos que se seguiam – que estava desenvolvendo minhas funções em meio aos conceitos de hospitalidade, bem estar e melhoria da qualidade de vida.

Continuei a atuar na área da educação porém procurei especializar-me, fazendo uma nova graduação com o curso de Tecnólogo em Hotelaria, pela Faculdade Hebraico Brasileira Renascença e demais cursos técnicos como o de formação de guia pela Embratur (especialidades em Turismo Nacional e América Latina e Atrativos Turísticos Naturais – também chamado de Ecoturismo).

Com cargos em níveis de coordenação, afastei-me das escolas parcialmente, para em um clube de São Paulo, atuar em gestão esportiva, com eventos, festividades e atividades relacionadas com competições de alto nível (envolvendo federações e confederações de esportes) e de caráter social e recreativo que abrangiam os demais associados.

Passados alguns anos, recebi uma proposta de ser a coordenadora de esportes e lazer de um *resort* de significativa referência na área, na região Nordeste do Brasil. Durante o tempo que lá permaneci, em meio a responsabilidade dos programas oferecidos, minha função era de treinamento e capacitação de novos profissionais.

De volta a São Paulo e trazendo comigo a satisfação do meu papel enquanto professora e mediadora na formação, retornei às escolas, desta vez para compartilhar minhas experiências entre alunos de cursos profissionalizantes.

Foi durante esta fase que procurei o curso *latu sensu* em Docência para Turismo e Hotelaria - especialização para o Ensino Superior – do SENAC. Com uma proposta inovadora de formação docente para alunos egressos das diversas áreas de conhecimento, o curso apresentou em sua grade curricular, disciplinas técnicas relacionadas a Eventos, Gastronomia, Hotelaria, Lazer, Meio Ambiente e Turismo e disciplinas específicas relacionadas a área da Educação, necessárias para a formação de docentes.

A disciplina técnica, ministrada pelo prof^o Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, provocou-me a repensar a temática do Lazer, conhecendo as diversas concepções, pelo olhar de diferentes autores. O contato maior com a teoria relacionada à área da educação surgiu da contribuição de disciplinas como Desenvolvimento Pessoal com a prof^a Dra. Rosemary Roggero; Educação e o Ensino Superior com a prof^a Dra. Myrtes Alonso; Metodologia do Ensino Superior com o prof^a Dr. Marcos Tarciso Masetto e Novas Tecnologias Educacionais com o prof^o. Dr. José Manoel Moran. Destas experiências, surgiu o interesse de me afirmar no compromisso contínuo de reflexão sobre o papel enquanto docente e a associação dos conhecimentos adquiridos de minha prática profissional com conteúdos e práticas pedagógicas das disciplinas. Como meu foco de estudos é a área de Lazer, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso sobre “A formação do profissional de Lazer”.

Ainda enquanto aluna deste curso e professora de cursos livres e técnicos, fui convidada para integrar a equipe pedagógica da mesma instituição, envolvendo-me especificamente com a coordenação de Cursos de Pós-graduação - dentre eles o de Especialização em Lazer e Animação sócio-cultural - e com alunos já no exercício docente de formação de outros profissionais para o mercado de trabalho do Lazer.

No que se refere aos egressos do curso de Especialização em Lazer, pude notar o quanto estes desconheciam as possibilidades de atuação junto ao segmento dos idosos, insistindo unicamente na proposta de atividades específicas para esta faixa etária, com metodologias infantilizadas e banalizadas.

Mantendo-me com um olhar crítico de quem sempre teve a preocupação de elaborar atividades programadas dentro de uma abordagem inclusiva, procurei e encontrei no curso de extensão universitária Educação e Envelhecimento, da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE - da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), momentos de

reflexão que propiciaram um maior conhecimento não só do universo dos idosos mas sim de um processo mais amplo - o processo de Envelhecimento - bem como a aproximação com profissionais das mais diversas áreas de formação, na posição do alunos (colegas de classe) ou professores, responsáveis por ministrar os temas que compuseram a grade curricular do curso.

Num movimento constante, de quem atua em diferentes espaços – entre o mercado de trabalho e a educação – comecei a pensar na possibilidade de continuar meus estudos somando temas como educação, lazer e envelhecimento, a partir de uma proposta de projeto – apresentada como finalização do módulo 2 do curso de Extensão – e que deu origem à Dissertação de Mestrado.

Assim, a partir do conjunto de experiências pessoais e profissionais, resumidamente apresentadas, um tema específico – “o lazer e sua articulação com a educação” - chamou atenção e deu origem ao problema de pesquisa assim delimitado: **“Qual a concepção de Lazer para alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento?”**

A preocupação com o envelhecimento, aliado ao tempo livre dos idosos em virtude da aposentadoria e a possibilidade de educação permanente, assim como a busca pela melhoria da qualidade de vida – através de atividades de lazer - surgem como princípios norteadores, por volta dos anos 70, com os primeiros espaços de aprendizagem para a terceira idade no Serviço Social do Comércio – SESC – de São Paulo.

Com base nestas considerações, esta pesquisa delimita seu campo de investigação, propondo-se estabelecer uma análise histórica entre as concepções de lazer, indicadas por autores como o sociólogo, educador e consultor do SESC de São Paulo, Joffre Dumazedier, e demais pesquisadores da área, bem como a articulação existente entre as temáticas lazer e educação.

Destacadas as considerações na fundamentação teórica, a pesquisa volta seu olhar para os alunos e professores de um curso de extensão sobre Educação e Envelhecimento, de uma instituição particular de Educação Superior, localizada no município de São Paulo. Com o intuito de apresentar como os entrevistados concebem lazer, a pesquisadora tem como pressuposto o desconhecimento destes quanto a amplitude do tema: as funções e as características do lazer; sua relação com questões como tempo, atitude, cultura vivida, atividades, espaços; a articulação existente – inclusive historicamente – com a educação; e as possibilidades de fruição de uma educação através de atividades existentes no lazer e/ou de uma educação para a autonomia (individual ou coletiva), de pessoas em meio ao processo de envelhecimento, nos momentos de lazer.

A partir deste olhar, este trabalho tem como objetivo: apresentar os aspectos educativos do lazer; despertar a reflexão nos pesquisadores do envelhecimento sobre os conteúdos culturais do lazer; valorizar os profissionais que já atuam associando os aspectos educativos do lazer ao processo de envelhecimento em instituições de ensino e sociais, públicas ou privadas; e, incentivar novos profissionais do lazer a descobrir as possibilidades de atuação no campo do Envelhecimento.

Sendo assim, esta dissertação foi dividida em três capítulos: o primeiro chamado Fundamentação Teórica; o segundo, Metodologia Utilizada; e o terceiro, Apresentação e Discussão dos Resultados, finalizando com as Considerações Finais.

O primeiro recai sobre a Fundamentação Teórica, apresentando as concepções de lazer a partir do sociólogo, educador e consultor do SESC de São Paulo nas décadas de 70 e 80, Joffre Dumazedier, e demais pesquisadores da área que incidem sobre questões como o tempo, a atitude, a cultura vivida, os espaços de lazer e as atividades. Apresenta a articulação existente entre lazer e educação, passando pela institucionalização da recreação pelo Estado, no Brasil,

às novas formas de conceber a educação para o lazer e educação pelo lazer. Proporciona também uma reflexão sobre envelhecimento e cidadania, em meio a um tempo livre, adquirido com a chegada da aposentadoria, e a importância da educação permanente.

O segundo capítulo apresenta a metodologia adotada, seguindo uma abordagem qualitativa, bem como o cenário (o curso de extensão Educação e Envelhecimento), os protagonistas (alunos e professores do curso). Para a organização dos dados, foram utilizados os seguintes procedimentos específicos: análise documental e questionários.

O terceiro capítulo consiste na Apresentação e discussão dos resultados a partir da fala dos entrevistados.

Finalmente, nas considerações finais, é apresentada a trajetória percorrida ao longo da pesquisa, a verificação de como os resultados foram alcançados - se estão em consonância com o que a pesquisa apresentou como problema - e indicação de futuros desdobramentos.

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. 1. Conceituando Lazer

Com o intuito de provocar a reflexão sobre a temática do lazer – e sua articulação com a educação - no contexto desta Dissertação, faz-se necessário apresentar o que se entende por lazer, a partir da concepção de vários pesquisadores, dentre eles a do sociólogo e educador francês Joffre Dumazedier.

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (2004 a: p.34)

A influência deste autor, para os estudos sobre o lazer no Brasil, surge entre meados das décadas de 70 e 80, por intermédio de seminários, encontros, cursos, estágios, etc. para os técnicos, criadores, artistas, orientadores sociais, educadores e profissionais dos mais diferentes ramos, do Serviço Social do Comércio - SESC de São Paulo. Segundo Danilo Santos de Miranda (1994: p.10), diretor do Departamento Regional do SESC de São Paulo, este intercâmbio de idéias e pesquisas empíricas uniu de um lado, uma organização voltada à ação sociocultural que já havia vislumbrado as potencialidades educativas e formativas do lazer e do tempo livre e que se exercitava, embrionariamente, nessas novas áreas de fronteira; de outro, o pesquisador, o cientista social, cujos estudos e pesquisas apontavam-no como a referência teórica mais importante num dos mais novos e promissores ramos da sociologia.

A partir do conceito de Dumazedier (2004), nos dias de hoje, o lazer é definido por ser oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, e não somente como sendo oposição ao trabalho profissional. Para ele,

o lazer é inicialmente liberação e prazer e possui três funções importantes: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento.

Com o “descanso”, o lazer atende a função de libertar o indivíduo da fadiga das obrigações cotidianas e particularmente do trabalho.

Com o “*divertimento, recreação e entretenimento*”, há uma busca por formas de anular o tédio e a monotonia das tarefas repetitivas, através de atividades de contemplação, compensação, equilíbrio e fuga por meio de evasão para um mundo diferente.

E, com o “*desenvolvimento*” da personalidade, permite uma participação social maior e mais livre, dentro de um estilo de vida pessoal e de novas formas de aprendizagem voluntária, adquiridas inicialmente na escola e a serem praticadas durante toda a vida. Esta função contribui para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras de novas possibilidades de integração a grupos recreativos, culturais e sociais, utilizando-se também de várias formas de informação (televisão, rádio, jornais, Internet, filmes, teatros, etc).

As três funções apresentam-se ligadas entre si e “*acham-se presentes, em graus variados, em todas as situações e em relação a todos os indivíduos e que podem suceder-se ou coexistir, manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer* (DUMAZEDIER, 2004 a:p.34)”.

O autor ainda chama de lazer, todas as atividades que além das três funções, apresentam quatro características¹: duas negativas, que se definem em relação às obrigações impostas pelas instituições de base da sociedade (o trabalho, a família, a religião, e a política) e duas positivas, que se definem em

¹ Nas referências bibliográficas pesquisadas, encontra-se o termo “caracter”. Para efeito deste trabalho, foi utilizada a palavra “característica”, por se tratar de uma tradução mais atualizada, permanecendo o termo “caracter” somente nas citações de textos.

relação às necessidades da personalidade. Para Dumazedier (2004b), as quatro características - liberatória, desinteressada, hedonística e pessoal, são específicas do lazer, e na ausência delas, o lazer não seria constituído, portanto não existiria.

1. Na característica *liberatória*, temos que o lazer resulta de uma livre escolha. Porém esta escolha não tem, por certo, um caráter absoluto, pois o lazer, como qualquer outra atividade humana, depende também de relações sociais e da liberação das obrigações institucionais.

...quando a atividade de lazer se torna obrigação profissional (o campeão de esporte amador que se torna profissional), obrigação escolar (a sessão de cinema obrigatória), obrigação familiar (passeio imposto), obrigação política ou religiosa (quermesse de propaganda), muda de natureza, do ponto de vista sociológico, mesmo quando seu conteúdo técnico não muda, mesmo quando a atividade proporciona ao indivíduo as mesmas satisfações (Idem:p.95).

2. Na característica *desinteressada*, a atividade de lazer não está fundamentada em fins lucrativos, utilitários ou ideológicos.

No lazer, o jogo, a atividade física, artística, intelectual ou social não se acham a serviço de fim material ou social algum, mesmo quando os determinismos materiais ou sociais pesam sobre eles, mesmo quando é objeto de tentativas de integração por parte das instituições (Idem:p.95).

3. Na característica *hedonística*, o lazer se define no tocante às necessidades da pessoa, pela busca de um estado de satisfação. Segundo o autor, a busca pelo prazer, felicidade ou alegria são traços fundamentais do lazer na sociedade moderna.

...Um grupo de alpinistas, uma equipe esportiva, pode implicar uma disciplina severa. Mas o esforço, a disciplina são livremente escolhidos na expectativa de uma alegria desinteressada, não de fins utilitários. Esse caráter hedonístico é tão fundamental que, quando o lazer não proporciona a alegria, a fruição

esperada, seu caráter é traído: “não é interessante”, “não foi engraçado”... (idem: p.96).

4. Na característica *pessoal* temos, finalmente, que as atividades estão ligadas “à realização, encorajada ou contrariada, das virtualidades desinteressadas do homem total, concebido como um fim em si, em relação ou em contradição com as necessidades da sociedade” (Idem: p.96).

Partindo da mesma perspectiva sociológica, a que Dumazedier se identifica, encontramos em Parker (1978), três formas de conceituar lazer. Na primeira, considerando o fator tempo, subtraindo-se das 24 horas do dia os períodos que não são de lazer como o trabalho, o sono, a alimentação e o atendimento às necessidades fisiológicas. Dumazedier (2004a) discorda deste conceito residual, alegando que desta maneira, quase todos parecem vítimas de uma fórmula demasiadamente teórica: ‘os três oito’ – oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de lazer. Na segunda forma, Parker (1978), concebe o lazer como atitude (mental e espiritual), considerando também a qualidade das atividades a que alguém se dedica. E, finalmente, na terceira forma, combina as duas anteriores, unindo as dimensões tempo, atitude e atividade para melhor compreender o conceito de lazer.

Assim como Dumazedier, outro autor de grande repercussão em nosso cenário nacional, pelas inúmeras obras publicadas e trabalhos organizados, é o sociólogo e educador Nelson Carvalho Marcellino. Assemelhando-se ao conceito de Parker, Marcellino (2004b) considera que não há acordo entre os estudiosos para entender o conceito de lazer porém, distingue duas grandes linhas: os que se fundamentam no aspecto atitude, “considerando-o como estilo de vida, independentemente de um tempo determinado” e os que privilegiam o aspecto

tempo, “*situando-o como tempo liberado do trabalho ou como tempo livre, não só do trabalho como de outras obrigações familiares, sociais e religiosas*” destacando a qualidade das ocupações desenvolvidas (p.23).

O autor, também apresenta muitos pontos de convergência com Dumazedier: concorda que o lazer é um fenômeno moderno, fruto da sociedade urbano-industrial; evidencia os três D's (descanso, divertimento e desenvolvimento) como as funções do lazer, e destaca as quatro características constituintes do lazer (*caracteres liberatório, desinteressado, hedonístico e pessoal*).

Embora nota-se grande influência de Dumazedier sobre Marcellino, o mesmo também apresenta alguns pontos de divergência para com as obras do sociólogo e educador francês. Enquanto para Dumazedier o lazer “*é um conjunto de ocupações...*” opondo-se a ociosidade, para Marcellino o ócio não pode ser colocado em campo oposto ao lazer, ambos constituem oportunidades para uma opção pessoal desinteressada.

Marcellino (2004b) conceitua lazer “*como cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível*” (p.31). Ao considerar a cultura, Marcellino e Dumazedier evidenciam a importância do lazer enquanto dimensão sociocultural, contextualizando-o na sociedade contemporânea. Para ele, a disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa. Nas atividades de lazer, não se buscam, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela própria situação.

Na defesa da essência qualitativa do lazer, através das experiências vividas, encontramos em Requixa (1974), citando os autores Miller e Robinson (1968), o conceito de lazer como “*um conjunto de valores de desenvolvimento e enriquecimento pessoais alcançados pelo indivíduo, utilizando o tempo de lazer, graças a uma escolha pessoal de atividades que o distraiam*” (p.18).

Ainda relacionando os aspectos de escolha pessoal que conduzem o indivíduo à satisfação das atividades, Csikszentmihaly (1992), desenvolveu uma teoria sobre as atividades de lazer proporcionarem uma experiência máxima, de satisfação ao executante, fundamentada no conceito de “*fluir*” – estado em que as pessoas estão de tal maneira mergulhadas em uma atividade que nada mais parece ter importância; a experiência em si é tão agradável que as pessoas a vivenciam mesmo pagando um alto preço, pelo simples prazer de senti-la. Segundo este autor, as atividades que oferecem satisfação são, muitas vezes, as que foram criadas com este propósito, como os jogos, esportes, formas artísticas e literárias, porém, o trabalho produtivo e as necessárias rotinas da vida diária também são satisfatórios.

Vivenciar atividades que possam oferecer satisfação, estão em parte, relacionadas diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-econômicos influenciados pelo meio ambiente. A oportunidade de acesso aos espaços específicos e não específicos de lazer, a possibilidade de ampliação do tempo livre e a sensação de prazer percebida através da realização das atividades, são para Bramante (1994), a síntese de três variáveis principais, oriundas das experiências de lazer.

Embora as concepções de lazer de Dumazedier (2004b), tenham boa aceitação entre a maioria dos estudiosos do assunto, como pudemos ver, são as autoras Faleiros (1980) e Padilha (2000), que mais firmemente elaboram questionamentos contrários ao autor.

A partir do entendimento da racionalidade que rege o sistema capitalista, a socióloga Valquíria Padilha, em sua obra *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito* (2000) problematiza como os autores contemporâneos, dentre eles Joffre Dumazedier e seus seguidores, fazem apologia do tempo livre e do lazer (salientando que as atividades devem ser desinteressadas, ou seja, não podem ter quaisquer fins lucrativos, utilitários ou ideológicos), não visualizando os limites que

o próprio capitalismo impõe, durante as 24 horas do dia, às pessoas. Segundo a autora, “a definição de Dumazedier associa as atividades de lazer à satisfação de determinadas necessidades humanas (descanso, divertimento e desenvolvimento), mas não compreende a dinâmica social na qual se manifestam tais necessidades” (2000: p.57).

Para Faleiros (1980), Dumazedier, não faz uma análise exaustiva do lazer e mesmo assim se propõe a defender uma teoria (a da Sociologia do Lazer) sem considerar a noção psicológica (como citado por Csikszentmihaly (1992), para a qual, segundo a autora, “todo comportamento em cada categoria pode vir a ser um lazer, mesmo o trabalho profissional” (p.59). Acredita ainda, que utilizando-se de uma definição funcional, seu conceito de lazer é insatisfatório, desprovido de caráter histórico, e seu conteúdo organizado no mundo das aparências.

Como pudemos perceber, nos últimos 30 ou 40 anos, sob influência do conceito adotado por Joffre Dumazedier, entre pontos de convergência e divergência, o conhecimento e compreensão das concepções de Lazer tem sido objeto de estudos e alvo de várias interpretações. Por notar a incidência como os diversos autores associam a temática ao tempo, à atitude, à cultura, aos espaços e às atividades, é destacado a seguir, cada um desses itens elencados como categorias de estudo.

Sobre o Tempo

Da obra *O direito a preguiça* (São Paulo: Editora Hucitec, 1999) de Paul Lafargue às obras de Joffre Dumazedier, em sua apologia às ocupações no tempo de lazer, percebemos, presente no universo acadêmico, uma tendência dos teóricos em se debruçarem sobre a questão do tempo. Como que num anúncio ao fim da centralidade do trabalho sobre as formas de sociabilidade humana, atribuem-lhe análises, classificações, conceitos e adjetivações como: tempo de trabalho, tempo produtivo, tempo das obrigações, tempo de não trabalho, tempo desocupado, tempo livre, tempo de lazer, tempo disponível, tempo das não

obrigações, tempo residual, etc. Destas, encontramos uma recorrência maior sobre os termos: tempo de trabalho e tempo livre, sendo que os demais apresentam-se até como sinônimos dos primeiros.

Em uma associação do tempo de trabalho com o tempo de obrigações, e colaborando para algumas definições, Marcellino (2004b) explica-nos que o trabalho é tão somente uma dentre as várias obrigações – outras seriam as obrigações familiares, religiosas, políticas, cívicas, sociais, escolares, etc.

Em uma outra associação – tempo de trabalho com tempo produtivo – encontramos nas afirmações de Dumazedier (2004a), que o surgimento do tempo de lazer se deve ao processo de automação decorrente do progresso técnico, oriundo da mecanização, da divisão e organização das tarefas de trabalho, em meio a um tempo cronométrico, de produção.

Defendendo a disponibilidade de tempo para as atividades de lazer, a partir de um tempo de trabalho mais racional, e acreditando que nenhum tempo pode ser entendido como livre de coações ou normas de conduta social, Marcellino (2002) prefere adotar o termo “**tempo disponível**”, para a consideração do aspecto tempo na caracterização do lazer.

Diferentemente de Marcellino, Waichman (1997: p.73-74), referencia inúmeros autores, que defendem a adoção do termo “**tempo livre**”, como “aquele que sobra após o trabalho, que fica livre das necessidades e obrigações cotidianas e que empregamos no que queremos”. Para o autor, tempo livre é a parte do tempo destinada ao desenvolvimento físico e intelectual do homem como fim em si mesmo.

Mascarenhas (2000) nos revela que mesmo com o incremento de novas tecnologias no campo e na indústria, organizando melhor o tempo de trabalho e possibilitando o aumento do tempo de lazer, ainda não assistimos à libertação do homem. Na prática, se a redução da jornada de trabalho e o conseqüente

aumento do tempo livre deveriam ser vistos como conquistas dos trabalhadores, hoje temos o significado inverso, a almejada inclusão do direito ao trabalho, na sociedade. Atualmente, o trabalho é um privilégio, perante tantas perdas como o crescimento de desemprego, da precariedade das aposentadorias, dos trabalhos temporários, do achatamento salarial, dentre outros.

Embora atento e construindo reflexões sobre o campo do lazer, Mascarenhas (2000) apreende as contradições envolvendo o debate sobre o tempo de trabalho e tempo livre, revelando-nos que mesmo ambíguo e ambivalente, o trabalho tanto pode humanizar como desumanizar além de que *“uma vida rica em possibilidades e cheia de significado no tempo livre passa por um mesmo modo de vida no tempo de trabalho”* (p.86). Citando Antunes (1999 apud Mascarenhas, 2000), se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da literatura, da música e do tempo livre, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo.

Para Dumazedier (2004a: p.51, *“acreditavam os poetas que por um período, haveria uma diminuição da duração do trabalho até que chegássemos a Era dos Lazeres”*, porém esta profecia apresenta o problema das reais relações entre o tempo de trabalho, produto constante de uma civilização industrial, e o desenvolvimento do tempo de lazer - que contribui para a formação de um conjunto de novas atitudes de descanso, divertimento e ainda de desenvolvimento.

Sobre a Atitude

Num contexto geral, as relações entre trabalho e lazer evoluíram e continuam a evoluir, em alguns momentos tão rapidamente e numa direção ainda não muito definida, para alguns estudiosos, que visando caracterizar o modo de vida da sociedade em que vivemos, referem-se a uma civilização do trabalho,

enquanto outros já falam de uma civilização do lazer. Opondo-se à idéia do lazer reduzido a um fenômeno compensatório do trabalho desumano, o francês Georges Friedmann, foi o primeiro sociólogo a salientar a importância do papel desempenhado pelo lazer na humanização da civilização técnica. Considerando as empresas modernas não somente como vinculadas a um sistema técnico, mas também como uma organização do tempo e das relações sociais, o autor considera o lazer determinante agente sobre o próprio trabalho.

Dumazedier (2004 a) apresenta que o problema central de uma civilização do lazer, bem como o estudo dinâmico das relações entre trabalho e lazer, estão ligados ao desenvolvimento das “**atitudes ativas ou passivas**” determinadas durante a utilização do tempo livre. Inicialmente é preciso esclarecer que a atividade de lazer em si mesma não é passiva ou ativa, e nem se opõem de modo absoluto, mas o será pela atitude que o indivíduo assumir com relação às atividades decorrentes do próprio lazer.

Conceitua atitude ativa como “*conjunto de disposições físicas e mentais suscetíveis de assegurar o desabrochar ‘optimum’ da personalidade, dentro de uma participação ‘optima’ na vida cultural e social*” (Idem: p.258).

A atitude ativa de que se fala, seria uma participação consciente e voluntária na vida social e cultural, um estado total de disponibilidade para viver integralmente a vida imaginária oferecida. Uma atividade de lazer está baseada em qualquer participação ativa na vida cultural. Estas contribuem para a formação do estilo de vida de cada grupo e indivíduo.

A busca e realização de um estilo de vida remetem ao lazer um alto significado e é também uma tomada de consciência dos problemas da vida social. Assim o tempo de lazer se torna um mediador entre a cultura de uma sociedade ou grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana. Esta mediação estabelecida faz com que as atividades de lazer estejam relacionadas

com uma cultura física, manual, intelectual, artística, individual ou social. O tempo de lazer entendido assim torna-se um tempo de aprendizagem, aquisição e integração.

Sobre a Cultura

O conceito de cultura carrega uma dupla dimensão que deve ser compreendida de forma complexa, não linear. Podemos falar de um conjunto de normas, valores, hábitos que norteiam a vida humana em sociedade, nas suas mais diferentes especificidades, mas não devemos esquecer que elas se articulam com formas de organização, representações, sensibilidades. Assim, há uma relação entre aspectos éticos e estéticos nas diversas formações culturais (MELO In GOMES, 2004: p.51).

As relações são de grande importância na cultura vivida da sociedade, que por sua vez, dependem dos ideais e das maneiras como o lazer é praticado. “São as relações existentes entre o lazer, as obrigações da vida cotidiana e entre as funções do lazer que determinam uma participação crescente e ativa na vida social e cultural das pessoas” (DUMAZEDIER, 2004 a: p.34).

Para que uma teoria cultural possa ser considerada viva, precisa corresponder não só a um conjunto de valores como também ao modo como esses valores são vividos pelas várias classes ou categorias sociais. O autor ainda situa o lazer como um elemento central da cultura e afirma que é importante relacioná-lo com a evolução social e cultural do momento, entendendo que o lazer também está ligado a diferentes áreas do conhecimento como educação, artes e esportes.

Desta maneira, Dumazedier (2004a) apresenta algumas categorias sociais (homo faber, homo ludens, homo imaginarius, homo sapiens e homo socius) e suas influências positivas e negativas na cultura vivida.

Homo faber. Através de pesquisas realizadas, o autor constatou que depois de algumas reivindicações de trabalhadores junto a sindicatos, aconteceu a redução da jornada de trabalho. O que se notou a seguir foi menos trabalho e menos lazer percebidos através de outra constatação: os trabalhadores procuraram por ocupações no tempo livre restante, ou mesmo por um segundo emprego.

Dumazedier (2004a), relaciona estas atividades ao que ele chama de “*semilazeres*”, que em proporções variáveis, são caracterizadas por se tratar de um trabalho manual, individual e desinteressado. Estas atividades por sua vez, também suscitam um *homo faber* de um tipo novo, se relacionando com o processo coletivo de produção e muito mais independente. Na França (universo do autor) e em países mais industrializados também é conhecida como a moda de “*faça você mesmo (do it yourself)*” (Idem: p.37).

Cita ainda que a terminologia *semilazeres* é denominada para uma atividade de verdadeiro lazer, não imposta por necessidades econômicas ou obrigações domésticas. Por exemplo: jardinagem, atividades domésticas e familiares.

Homo ludens. Diferentemente do que ocorria no final do séc. XIX, onde a cultura dos operários apresentava-se influenciada pelas festas e jogos tradicionais, de caráter corporativos e religiosos, o autor retrata que “*hoje, é permanente a incitação aos jogos e concursos (diariamente encorajada pelo rádio, pelo jornal, pelas revistas e ainda pela publicidade de grandes lojas) e que não mais se apresenta relacionada com acontecimentos rituais e cerimônias coletivas*”(DUMAZEDIER, 2004a:p.38).

Apresenta ainda o jogo não só como uma reminiscência do universo infantil (citando Freud), mas como uma exigência da cultura popular, nascida do lazer, e de uma vida liberta de qualquer obrigação, inserida em tempos e espaços fictícios.

Talvez se devesse colocar nessa categoria a vida das férias na qual, durante um certo tempo, tenta-se viver como rico ou selvagem e que tende a ser, inteiramente, diversa da vida cotidiana (Idem: p.39).

Desta maneira, essa ação do jogo sob o *homo ludens* pode implicar em mudanças profundas na cultura tradicional, sendo para o lado positivo de conferir uma poesia paralela a vida de todo dia ou para o lado negativo, do descompromisso e do desprezo da vida cotidiana ou a evasão, levada pela indiferença perante as responsabilidades sociais.

Homo imaginarius. Com o desenvolvimento do lazer surge uma procura crescente por obras de ficção, um gosto popular em passar para a tela os romances da vida real. Dumazedier (2004 a) chama-nos a atenção para o uso da televisão, como um equipamento que atende ao universal dentro do momentâneo:

...devido à sua estrutura pode nos oferecer oportunidades de descobrir todos os países que não temos possibilidade de visitar, passar a conhecer museus, fazer com que tomemos conhecimento das obras-primas do cinema e do teatro, promover nossa iniciação nas grandes descobertas” (Idem: p.88).

Marcellino (2002) concorda com as ponderações de Dumazedier, porém considera que as barreiras socioeconômicas e o baixo nível educacional criam um clima favorável para esta indústria cultural. Uma grande parcela da população usufrui de seu tempo disponível em suas próprias casas, tomando a televisão como o principal atrativo, como podemos perceber nas pesquisas de Amauri de Souza (1976) e de Luiz Octávio de Lima Camargo (1995) ².

² Embora as pesquisas citadas a seguir são datadas das décadas de 1970 e 1990, respectivamente, ambas atendem aos estudos do lazer como fontes de grande importância e referência, em Instituições de Ensino e em grupos de estudos independentes. A primeira, realizada em 1976 por Amauri de Souza (IUPERJ), junto a uma amostra de 255 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, é intitulada “As 24 horas do dia do carioca”. Seguindo os moldes de um gênero de pesquisa chamado “orçamento-tempo”, a mesma consiste na distribuição do tempo em quatro categorias básicas: trabalho, obrigações familiares, obrigações pessoais e tempo livre (distribuídos em compromissos sociais, lazer doméstico, lazer extra-doméstico e lazer turístico). Esta pesquisa aconteceu no Rio de Janeiro e paralelamente em outras cidades como: Nova Iorque, Paris, Oslo, Praga, Budapeste, Moscou, Havana e Lima. Com diferentes referenciais como clima, paisagem e desenvolvimento econômico, as pesquisas apresentaram resultados semelhantes em todas as cidades, ou seja, grande parte da população (cerca de 70%) utiliza seu tempo livre em práticas de lazer doméstico, como assistir à televisão, ouvir rádio e som; ler jornais, revistas e livros; conversar e descansar e que o excesso de

O mesmo autor não nega a importância dos meios de comunicação para a difusão das atividades de lazer mas questiona o baixo nível das programações apresentadas bem como a maneira como os padrões do eixo Rio-SP são impostos a todo o país, ocasionando o desaparecimento de manifestações culturais autênticas, principalmente de outras regiões.

Numa cultura vivida, o prazer da ficção pode vir a desviar qualquer ação pessoal, instigando a substituição de ações da vida real pelas vividas pelas atrizes e atores dos filmes ou mesmo favorecendo a realização de ações que poderão contribuir para o estabelecimento de confusões entre o mundo real e o imaginário.

Homo sapiens. Marcellino (2002) entende que o lazer não é somente o tempo de distração, recreação e entretenimento mas, também, aquele no qual se obtém uma informação desinteressada e que além de promover novas possibilidades de reorganizações mentais, através do estudo, constitui a base imprescindível da chamada cultura permanente.

Em suas pesquisas, Dumazedier (2004a) nos aponta que diferentemente de outros tempos em que a população isolava-se nos bairros onde morava, fazendo com que o trabalho predominasse sobre a cultura, *“atualmente, o lazer despertou a necessidade de alargar as fontes de informação, sem qualquer ligação com o meio de trabalho”*(p.43).

trabalho não prejudica o tempo de lazer e sim o das obrigações pessoais. A segunda pesquisa “As práticas de lazer da população”, realizada em 1995 pelo Serviço Social do Comércio - SESC - de São Paulo, foi coordenada pelo prof^o Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, junto a uma amostra de 1233 pessoas representantes da população paulistana. Um importante dado apresentado foi a relação feita entre lazer e bens materiais – como por exemplo, aquisição de ao menos uma TV à cores (91% dos entrevistados) e vídeo game (46%) e sua associação com atividades realizadas no espaço doméstico. Assistir televisão fora apontada como principal forma de lazer (88%); grande parte dos entrevistados assistia à televisão diariamente ou algumas vezes por semana, sendo que as preferências são: novelas, telejornais e filmes. Ouvir música (81%); realizar leitura de jornais e revistas (68%), além de um grande número de atividades de índices menores como ler livro, escrever, práticas de culinária, consertos domésticos, jardinagem, criação de animais, dentre outros.

O avanço dos meios de comunicação, como o cinema, os jornais, rádios, televisão, revistas, dentre outros, apresentam-se como meio de divulgação de conteúdos sérios e agradáveis conduzindo a sociedade não só a informação como também a documentação de modo sistemático e espontâneo sobre demais assuntos de sua escolha. Segundo o autor, essa busca de informações, sérias pelo conteúdo e agradáveis pela apresentação, poderão no futuro determinar mudanças profundas na difusão através do rádio e da televisão, jornais e associações que promovam a aquisição de conhecimentos necessários após as escolas.

Homo socius. Movido pela expansão da industrialização e urbanização, há a redução das jornadas de trabalho e conseqüentemente aumento do tempo livre, despertando novas formas de sociabilidade e de agrupamento, promovidos em parte por organizações recreativas e educativas (esportivas, turísticas, musicais, intelectuais, dentre outras).

Através de atividades próprias de lazer, estas associações podem influenciar sobre a participação na vida da empresa, dos sindicatos e das organizações (cívicas, políticas e religiosas), com a oferta de festas, passeios ao ar livre, jogos, reuniões, etc. Cabe no entanto, como nos alerta o autor, temer que este *homo socius* passe a considerar como participação essencial, e mesmo exclusiva, na vida social, sua participação nos grupos de lazer, reforçando para que estas associações tendam a criar sociedades marginais, fechadas sobre si próprias, *“um tipo de sociedade utópica, não mais fundamentada no trabalho, como no século XIX, mas no lazer”* (Idem: p.49).

Por fim, mas não encerrando a discussão, Dumazedier não aceita que se estabeleçam níveis diferenciados de qualidade para a cultura humanística e a cultura popular. Concorda que a cultura é vivida num *“continuum de níveis diferentes que muitas vezes se interpenetram uns nos outros, em todas as classes e em todos os meios”*(Idem: p. 144). Porém, enfatiza em vários momentos a necessidade de elevar o nível cultural geral do lazer nos diferentes meios sociais e

considera que uma vez aumentando a destinação de verbas para os equipamentos de lazer, teremos uma melhoria nas atitudes e nas medidas superficiais que, hoje, não vão a fundo para saber quais são as alternativas viáveis de soluções para as preocupações existentes neste campo de estudo.

Sobre Espaços de lazer

Dumazedier (2004a) acredita que tanto a produção como o crescimento do lazer não foram automáticos, dependeram da influência de fatores técnicos - caracterizada pela mecanização e sedução dos meios de transportes e de informação como jornais, rádio, televisão, cinema - e de determinantes sociais - apresentadas pela resistência às mudanças como no caso do uso das novas tecnologias (computadores, e demais equipamentos elétrico-eletrônicos), a manutenção de cerimônias e festas religiosas e folclóricas (como o carnaval, o teatro popular, dentre outras), e a organização sócio econômica relacionando as atividades a determinados hábitos de consumo.

Ratifica que este crescimento não ocorreu igualmente nas camadas da sociedade e justifica três fatores que impedem ou retardam o desenvolvimento quantitativo ou qualitativo do lazer:

1. a falta de recursos familiares (poder aquisitivo);
2. dificuldades ligadas ao exercício da profissão (meios de transporte, fatores de ordem cultural) e,
3. a insuficiência ou inexistência de um equipamento recreativo ou cultural coletivo (relaciona às políticas públicas e de gestão).

Embora as pesquisas realizadas por Amauri de Souza (1976) e por Luiz Octávio de Lima Camargo (1995), sobretudo no Brasil, não nos apresentam a qualidade dos serviços e os tipos de atividades realizadas, temos ciência que os hábitos de lazer permanecem aliados ao ambiente doméstico, onde o fator

econômico é predominante e no espaço urbano, onde se centralizam alguns equipamentos de lazer.

Segundo Stucchi (1997), a preocupação com o estudo dos equipamentos de lazer é fundamental quando da associação destes com alguns aspectos:

1. físico: Neste os fatores geográfico, dimensional e estético se cruzam, em virtude da localização dos equipamentos em áreas urbanas ou rurais, podendo estar situado próximo ou não às residências, abrangendo uma micro ou macro região; e ainda tendo suas construções projetadas especialmente para atender a características específicas de uma determinada parcela da população;
2. temporal: relacionado ao uso diário, semanal, mensal, anual, etc.
3. psicológico: relacionado ao grau de satisfação das pessoas que os utilizam.

Estes aspectos encontram-se intimamente ligados. Na questão físico-temporal, dados significativos são apresentados em razão das distâncias dos locais onde esses equipamentos estão localizados; há uma redução do tempo livre da população em virtude do tempo de locomoção entre suas residências e os equipamentos de lazer e a precariedade dos transportes. Na questão físico-psicológico, as condições de manutenção e apresentação que se encontram tais equipamentos; o descaso da população e de poderes públicos e privados quanto a conservação; insatisfação no aproveitamento e readequação de antigas instalações. Em ambos os casos, Santini (1993) e Stucchi (1997), notam que os gestores dos equipamentos não inspiram confiança nem tão pouco estão comprometidos com a realidade dos usuários; financeiramente falando, as parcerias firmadas vêem apenas o retorno lucrativo, desprezando as necessidades da própria população.

Santini (1993) nos chama a atenção para o abrupto crescimento populacional e do não acompanhamento do desenvolvimento da infra-estrutura, gerando algumas características indesejáveis dentro de uma democratização cultural dos espaços sociais de lazer. Defende a tese que a questão espacial é uma preocupação da sociedade para a busca de melhor qualidade de vida e que

uma vez que a sociedade se identifique com os espaços, desde que planejados adequadamente às suas necessidades, serão dados não só o sentido de dimensão e uso mas de significação às relações humanas.

Argumenta ainda que a concretização do espaço se dá através de duas formas de análise: na primeira, os termos equipamentos e espaços se confundem, sendo que muitas vezes as palavras são utilizadas como sinônimos para entender *“equipamento de lazer como o conjunto de instalações que servem de apoio para atividades”* e na segunda forma de análise, os termos são distintos, já que *“o espaço é encarado como suporte para os equipamentos e mobiliários e onde prevalece o uso específico das instalações”* (SANTINI, 1993: p. 47).

Assim, os equipamentos de lazer necessitam sofrer um acompanhamento próximo às situações do cotidiano social quando do início do seu planejamento, que se inicia com a detecção das necessidades reais da população a fim de que os equipamentos sejam coerentes com as aspirações das pessoas envolvidas. Num segundo plano, porém de fundamental importância, a difusão destas idéias deveriam ser acompanhadas mais de perto pela Mídia, através dos meios de comunicação de massa - lembremo-nos que a televisão apresenta-se como principal instrumento do lazer doméstico.

É Camargo (1998) quem nos apresenta a idéia de que todo equipamento de lazer bem planejado prevê investimentos não só de construção e manutenção como também de animação cultural; caso contrário esses espaços tornariam-se criações artificiais de uma política cultural responsável por uma produção que não traduziria as aspirações de seus usuários.

Uma vez que todos os espaços para relacionamentos podem ser considerados equipamentos por excelência e a todo o momento poder-se-á sentir a sensação de bem-estar e contemplação pelo desenvolvimento de atividades livres, para os autores e estudiosos citados, a tipologia dos equipamentos de lazer classificados como específicos e não específicos nos é apresentada como sendo: os equipamentos não específicos - a existência de um ambiente que foi

planejado e construído para atender a finalidades específicas que não as de lazer, porém podem apresentar um espaço possível de fruição do lazer, como habitação, escola, ruas, trabalho, dentre outros; e os equipamentos específicos como sendo aqueles destinados a atender uma programação especializada para público com interesses culturais definidos, como veremos a seguir.

Sobre as Atividades

Para ordenar os diferentes conteúdos culturais existentes nas **atividades** de lazer (suscitadas por atitudes ativas ou passivas), na perspectiva do desenvolvimento cultural – seja na cultura tradicional (vida familiar, passeios, bares, etc), na cultura humanística (reuniões, grupos de estudos, etc) e na cultura de massa (rádio, televisão, cinema, revistas, etc) - Dumazedier (1980) propõe uma classificação - um conjunto de estratégias possíveis de ser implementadas em programas de lazer - e as agrupa em cinco conjuntos de interesses: físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais.

O autor entende por interesse, “*o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida*” (Idem: p.110) e acredita na “*pluridimensionalidade*”, uma vez que vários conteúdos de atividades podem corresponder a um mesmo interesse, como um passeio no bosque, por exemplo. Para eliminar possíveis problemas de taxionomia, sugere a hierarquização das propriedades dominantes, mesmo considerando a subjetividade da apreciação de cada indivíduo. Chama de propriedade dominante de uma atividade, “*aquela cuja presença é logicamente necessária à existência desta atividade*” (2004b: p.102), o elemento desencadeador da motivação do indivíduo.

Esta sectarização foi alvo de incessantes críticas por inúmeros estudiosos da área, os quais pautavam suas críticas na possibilidade de que procedendo-se desta maneira, isto é subdividindo-se o campo, poder-se-ia romper com o caráter de interação ou de totalidade inerente ao lazer. No entanto, segundo Schwartz

(2003: p.24), esta proposta de classificação, não compromete a integridade do lazer, *“uma vez que se apresenta como um elemento pedagógico interessante, justamente para se compreender a abrangência da área e um fator norteador para se aprofundar discussões e reflexões mais complexas”*.

1. Atividades por **interesses físicos** pressupõem *“a participação ativa e voluntária do indivíduo nas atividades relacionadas com a cultura física, isto é, um novo enfoque da prática esportiva”* (DUMAZEDIER, 1980: p.112), onde prevalece o movimento e os exercícios físicos. Pode-se considerar também o interesse estético do movimento, através da satisfação da contemplação do espetáculo.

2. Atividades por **interesses práticos** tratamos das atividades que se realizam nos espaços e tempo de lazer e semi lazer e que desenvolvem a capacidade de manipulação, exploração e transformação de objetos e materiais – como a prática do artesanato, *bricolage*³, costura, marcenaria, culinária, dentre outras – ou quer para lidar com a natureza, como no caso do cuidado com os animais e jardinagem (no cultivo de flores, plantas decorativas, legumes – na horta da residência, por exemplo).

3. Atividades por **interesses artísticos** compreendem o campo de domínio do imaginário com suas imagens, emoções e sentimentos provenientes das mais diversas manifestações artísticas, eruditas, tradicionais ou populares (sejam oriundos da arte como: cinema, teatros, literatura, artes plásticas, etc), como também dos meios de comunicação (como a televisão) e por mais simples que possa parecer, de maquiagem, decoração da casa, outros. Seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza, do sonho e do encantamento.

4. Atividades por **interesses intelectuais** busca-se pela aquisição de conhecimentos através do contato com o real, com as informações objetivas e as

³ Relaciona-se a consertos, reparos, execução de pequenos trabalhos ligados aos ofícios de carpintaria, serralheria, marcenaria, etc.

explicações racionais, satisfeitas através da curiosidade intelectual. Nota-se entre os interesses artísticos e intelectuais que ambos utilizam-se dos mesmos meios para atingir o conhecimento, porém o primeiro visa adquirir o conhecimento estético e o segundo, o científico.

5. Atividades por **interesses sociais** estão fundamentalmente onde se encontram as relações sociais e que podem estar presentes explicitamente em todos os outros interesses (físicos, práticos, artísticos e intelectuais) desde que estes favoreçam o desenvolvimento da sociabilidade; como também, podem estar presentes nos grupos das associações ou nos grupos espontâneos e ainda nas relações inter-pessoais.

Apontando para a imperfeição desta classificação, e justificando “*que felizmente, nenhuma classificação é perfeita já que a realidade é sempre mais complexa do que a capacidade de análise dos cientistas*”, Camargo (1986) acha conveniente acrescentar mais uma área de interesse cultural no lazer, o Interesse Turístico.

6. Atividades por **interesses turísticos**, busca-se a mudança de paisagem, de ritmo e estilo de vida, alterando – num curto período de tempo – toda a rotina cotidiana, com a possibilidade de visitas e viagens a lugares diversos.

Com o desenvolvimento de novas e avançadas tecnologias, dentre elas a conexão em rede com as vias virtuais, Schwartz (2003) salienta que houve a promoção de uma emergente modalidade de transmissão cultural. Mediante esta reflexão, e alegando não ter interesse em fazer uma apologia ao mundo virtual, a autora propõe um novo conteúdo cultural do lazer, o dos Interesses Virtuais.

7. Atividades por **interesses virtuais** são caracterizadas como sendo um novo espaço de experiências de lazer, “*uma vez que estes meios facilitam a relação tempo-espacial; modificam os padrões interacionais* (nas dimensões

sociais e de valores e atitudes) e, a possibilidade de acesso às informações de maneira livre e pessoal” (SCHWARTZ, 2003: p.27). Para a autora, assim como os interesses turísticos, guardadas as devidas proporções, no mundo virtual também pode se percorrer lugares, participar de eventos, conhecer pessoas, apreender determinados dados culturais, que, até então, ficavam restritos às férias ou fins-de-semana.

Como observamos, os conteúdos culturais do lazer, classificados a partir dos interesses apresentados, apontam como Dumazedier (1980) previa, para um conjunto de estratégias possíveis de ser implementadas em programas de atividades e que, a partir de sua composição como um importante elemento pedagógico (Schwartz, 2003) poderão favorecer uma nova possibilidade de ação do lazer na educação.

1.2. Articulando Lazer e Educação

Partindo das raízes na Antiguidade clássica até o período industrial, percorremos anos na história para demonstrar como o lazer apresenta-se como o antônimo de trabalho, e ao mesmo tempo, como se articula com a educação, seja a partir da etimologia da palavra *skholé* às possibilidades de acesso ao conhecimento, ocasionados em partes pelo aumento do tempo livre, em sociedades agrícolas, comerciais e industriais.

Tendo a cidade de Atenas como palco do apogeu urbano, intelectual e artístico grego, que contribuiu para a produção de conhecimentos e difusão do lazer, a valorização do ócio⁴, significava um total desprendimento das tarefas servis (e militares), condição esta que propiciava o cultivo dos momentos de

⁴ Segundo Gomes (2004, p. 134) “a palavra ‘lazer’ não integra a língua espanhola e no caso, o vocábulo *ócio* é aquele cujos significados são mais próximos. Isso gera complexos problemas de tradução que acabam interferindo sobremaneira em nossa compreensão sobre o processo de constituição histórica do lazer.”
Outra nota: Ver obra de Pablo Waichman, Tempo livre e recreação, Campinas: Papirus, 1997

contemplação e reflexão, em meio a atividades físicas ligadas à música, às ciências, às letras, à sabedoria e à filosofia.

Foram as considerações gregas que influenciaram as primeiras noções de trabalho como sendo penoso e árduo e o lazer, como algo que só poderia ser usufruído com o total desligamento das necessidades da vida produtiva, fonte de prazer e de satisfação vinculados aos significados de cultura e educação. Numa associação com a educação, Requixa (1974), defende que o termo “*skholé*” é a origem da palavra escola e que implica na idéia de lazer, o objetivo determinado de dedicação à prática de alguma coisa; e que para Gomes (2004) denotava um tempo desocupado e que gerava para a própria pessoa um prazer intrínseco.

Cortella (2004: p.66), nota também a etimologia da palavra “schola” em latim, e “escola” em português, observando que a “*construção de nossa cultura a vinculação que se fez (e se faz) do acesso ao Conhecimento mais elaborado com privilégio social*”. Apesar de assumir caráter contemplativo, o lazer não representava passividade e sim representatividade, já que historicamente era privilégio de uma pequena parcela de homens livres.

Do declínio da civilização grega à ascensão do império romano, a sociedade continua sofrendo influências da civilização helênica, porém constitui outros valores nos ensinamentos de direitos e deveres, dentro de uma educação militarista e utilitária. Em Roma, os escravos eram ainda mais numerosos do que na Grécia e não dispunham de acesso à instrução, restringiam-se aos afazeres domésticos, ao aleitamento, às práticas sexuais, ao cultivo da terra, trabalho nos estabelecimentos industriais e nas atividades servis.

Os romanos, como povo guerreiro, não encaravam o trabalho de forma negativa, ao contrário dos gregos; através da imposição de seus costumes, o “tempo de não trabalho” passou a ser compreendido não mais como momentos de

contemplação, mas sim de recuperação e preparação do corpo e do espírito para o retorno ao trabalho.

Há o desenvolvimento de uma preocupação com a diversão popular não restrita às elites. Cada qual participava de momentos diferenciados: à elite eram possíveis práticas de distração onde os momentos de reflexão, atividades físicas, intelectuais e artísticas eram valorizadas e tidas como destaque e à classe popular eram oferecidas - e organizadas pelo próprio Estado - práticas de distração e alienação, sobretudo proporcionados pelos grandes espetáculos: “... *as práticas populares eram desprezadas pela elite como vulgares..., inaugurava-se o que chamamos de política de “pão e circo” uma forma de dominação e controle de massa*” (MELO, 2003: p.4).

Esta visão permanece até que, com o declínio do império romano, na Idade Média, as relações escravistas vão aos poucos sendo substituídas por outras formas de trabalho, com uma economia predominantemente agrícola. Segundo Werneck (2000), foi um período marcado pelo recuo da noção de Estado, no qual prevaleceu um sistema de pensamento fundamentado na lei religiosa e definido pela Igreja. Embora o Cristianismo pregasse que todos os homens eram iguais perante os olhos divinos, o mesmo possibilitou novos significados ao trabalho e ao lazer através da representação de símbolos e fixação de novas doutrinas e disciplinas: para o povo a educação possuía ênfase catequética e dogmática e para o clero, a mesma era de base humanista, filosófica e teológica.

Incorporando rituais populares da Antigüidade Romana e proporcionando outras visões de controle e ordem social, surge na vida medieval, o carnaval, como autêntica válvula de escape, em meio a manifestações culturais de destaque entre as festividades oficiais. Nessas ocasiões, tolerava-se, a diversão de multidões em praças e ruas, com os pobres adornando porcos com vestes episcopais ou nobres; “*porém, tudo acabava na quarta-feira, na cerimônia religiosa*

de cinzas, em que todos (e, sobretudo os pobres) eram trazidos à realidade com o lembra-te, homem, de que és pó e ao pó voltarás” (CAMARGO, 1998; p.30).

Com o surgimento do feudalismo, outra divisão da sociedade é notada: servidão (forma de exploração do trabalho) e os senhores feudais (detentores do poder e prestígio social). Para o povo não havia uma rígida divisão social do tempo de trabalho e não trabalho, já que dedicavam-se entre afazeres servis, plantio e colheita ou mesmo a confecção de artefatos. Havia aqueles que dedicavam-se exclusivamente aos afazeres domésticos - os vassallos - e outros que, através da confecção de artefatos já possuíam maior flexibilidade de horários, porém eram a minoria da população. Enquanto que para estes a educação era centrada na relação entre pais e filhos, localizada no ambiente doméstico, para os senhores feudais dispunha-se de locais como conventos, nos quais numa relação comercial com o clero, era assegurada através do oferecimento de bens e terras.

Com a constante disseminação dos valores cristãos, as camadas populares encaminham suas vidas, aceitando que o acúmulo de riquezas de uma minoria era possível e que a ociosidade era o maior pecado a que a raça humana podia se submeter. Estas concepções ainda permanecem na Baixa Idade Média - com o enfraquecimento do sistema feudal e o surgimento das Cruzadas. Para a elite, a maior disposição para o lazer significava também maior poder e riqueza; *“como os membros da nobreza não deviam trabalhar, o ideal do homem nobre era o perfeito cavaleiro, com formação musical e guerreira, experiente nas sete artes liberais: cavalgada, arco e flecha, luta, caça, natação, jogo de xadrez e composição de versos” (WERNECK, 2000; p.32).*

Em contrapartida, se para os nobres os jogos e as práticas corporais ficavam restritas à educação dos cavaleiros, para o povo aplicava-se a total condenação do lazer, uma vez que a participação em festas e comemorações das mais diversas naturezas, novamente passam a representar um perigo, desta vez, à purificação da alma. Restava ao povo, daquela época então, aceitar sua

condição de pecador dedicando-se ao trabalho árduo e nos momentos de não trabalho recorrerem à busca da paz, apoiado no apelo religioso e que garantia a manutenção da ordem vigente.

Com o surgimento do protestantismo este apelo religioso procurou reavaliar os princípios necessários ao ideal do trabalho cristão, encarados como meio de salvação. O protestantismo, apesar de encarar a riqueza como um bem divino para os homens que eram bem sucedidos no trabalho, não deixou de alimentar a concepção de lazer como um vício e da educação com um meio moralizante e ético para o trabalho.

Embora os autores pesquisados não estabelecem relações diretas entre protestantismo e capitalismo, percebe-se que as religiões - através da imposição de forte ética moralizante - influenciaram as organizações econômicas, políticas e sociais que conferiram valores diferenciados ao lazer a partir da modernidade. Igreja e Estado são responsáveis por grandes conflitos, inclusive intelectuais - advindos do campo da educação e marcam por crises o surgimento de uma nova fase: o Renascimento, caracterizado por uma transição entre as Idades Média e Moderna.

O Renascimento intensificou, através da prática comercial, o crescimento desordenado e precário da infra-estrutura das cidades medievais e de sua população que composta inicialmente por servos, abandona a vida rural e migra para os centros urbanos, passando a ocupar-se de atividades do comércio e das grandes navegações.

Os integrantes do clero possuíam o monopólio cultural, porém não era o suficiente para uma população que começava a acreditar na indispensável prática do ler e escrever em suas relações comerciais, voltadas às necessidades do capitalismo emergente.

Alguns pesquisadores como Camargo (1998: p.30), Werneck (2000: p.45), dentre outros, chegam a considerar o Início da Idade Moderna como “*fase de caça ao lúdico*” e o “*século de ferro (1550/1660)*”, respectivamente. Novamente, é constatado que as manifestações espontâneas e populares, como festas, por exemplo, são considerados supérfluas e, somente o trabalho passa a ter importância. A ideologia da nascente burguesia industrial permanece como uma prática social capitalista apoiada na super valorização do trabalho e combatendo os prazeres e distrações aparentemente nocivos (prostituição, alcoolismo, algazarra, jogos de azar) às camadas pobres.

Através da disseminação das ciências naturais, da astronomia, da física, da biologia, e da química, a educação - mais prática e crítica – articula-se com os outros fatores mais gerais da evolução histórica, como “*a invenção da imprensa, a emigração dos sábios, o crescimento dos centros urbanos e as grandes navegações que deram origem ao capitalismo comercial*” (WERNECK, 2000: p.45). Ainda para a autora, as grandes transformações econômicas, políticas e sociais decorrentes, marcaram o início da Idade Moderna, e são fundamentais para a compreensão dos encaminhamentos seguidos pelo lazer, pelo trabalho e pela educação em nossa sociedade dos dias de hoje.

Apoiado no modelo de produção fabril e na organização do trabalho com mão de obra assalariada, a Revolução Industrial surge no final do século XVIII na Europa, século XIX nos EUA e início do século XX no Brasil, e é traduzida como a combinação entre a técnica e a ciência. Levando-se em consideração que todo o preparo de matéria prima para o uso pode ser chamada de industrialização, não se pode afirmar então que ela somente começou com o advento da máquina a vapor, bem como também com as transformações de atitudes que os trabalhadores vêm sofrendo ao longo de toda a história, desde a antiga Grécia (com a produção agrícola em pequena escala). Essas transformações desencadearam outros fatores que caracterizaram a concepção do Lazer Moderno; segundo Dumazedier (2004a) e Marcellino (2004a), a dupla revisão de conceitos: as revoluções técnico-científica e ético-estética.

Na revolução técnico-científica as jornadas de trabalho alcançavam cerca de 16 horas diárias, numa rotina rígida submetida às imposições das máquinas. Aspectos como a crescente migração da zona rural para a urbana, a exploração, a pobreza, a baixa qualidade de vida e a não possibilidade de acesso à educação e ao tempo livre, nortearam as primeiras organizações sociais e posterior reivindicações de direitos dos assalariados que não viam o trabalho como uma virtude mas sim como uma possibilidade de alienação e exploração, como nos mostra o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin (1936).

Além das conquistas trabalhistas por redução das jornadas de trabalho e a aquisição de benefícios, a sociedade passa a apresentar algumas mudanças significativas nas relações do indivíduo com os demais integrantes de seu grupo social; consigo mesmo; e em função da conscientização e percepção da importância do novo meio em que vive (segundo Dumazedier (1994:p.63), “*é a tripla renovação de valores sociais*”(indivíduo/grupo, indivíduo/indivíduo e indivíduo/meio).

Do prolongamento da espontaneidade e a naturalidade das relações (avessas ao formalismo) e finalmente nos gestos, atitudes e vestuários, perceptíveis nas maneiras de agir e pensar (CAMARGO, 1998), surge a adoção de uma postura diferenciada nas relações com o trabalho. A revolução ético-estética caracterizou-se pela revisão de conceitos onde o ético passa a ser característico das relações com o outro, e de perguntas como “por que é que se deve?” ou “por que é que não se deve?” enquanto o estético, com características daquilo que é sensível, apreciável, captado através da diversificação de olhares, desejado de outra forma (que não só o belo).

Essa segunda revolução, de caráter ético-estético, não apenas completou o perfil moderno das práticas de lazer, como também colocou os valores do lazer como referência para a civilização nascente. Por que o trabalho não pode ser agradável e produtivo como

uma equipe de futebol? Por que a família não pode ser democrática como um grupo de amigos, já que todos (ao menos em tese) se querem? Por que o rito religioso não pode ser alegre como um espetáculo? Por que a militância política não pode ser lúdica e dotada dos mesmos ingredientes lúdicos do lazer? (CAMARGO In ANSARAH. 2002: p.246)

A dupla revisão técnico-científica e ético-estética, nos apresentam aspectos que culminam para agregar valores ao Lazer Moderno, referenciando a emergente realidade histórico-social vivida nos dias de hoje, em que os homens procuram formas de diversão tão importantes quanto as ações focadas no trabalho, na religiosidade, na política ou constituição familiar.

No trabalho, já percebemos uma preocupação dos funcionários em tornar o ambiente mais agradável e suave: os escritórios apresentam mobiliário de cores mais leves, mesas coletivas, plantas, quadros coloridos; os ambientes de fábrica são transformados - mesmo que por quinze minutos - em ambiente lúdico para a prática de ginástica laboral⁵, atividades de socialização, dentre outras.

Na família, notamos a mudança de tratamento entre pais e filhos: o diálogo tende a ser mais aberto e esclarecedor do que outrora, os pronomes de tratamento são substituídos de senhor para você, sem detrimento das relações de respeito.

Na religião, exemplificando os católicos carismáticos, vemos manifestações de alegria paralelamente as de louvor e adoração: as missas são verdadeiras terapias em grupo, e o recurso utilizado pelo padre Marcelo Rossi (por exemplo) são músicas e movimentos corporais, advindos de propostas pedagógicas de aulas de Educação Física (seu primeiro curso de formação antes da Teologia).

⁵ A palavra laboral origina-se de labor, trabalho. A ginástica laboral, trata-se de uma estratégia adotada pelas empresas, para disseminar a qualidade de vida entre os funcionários. O professor de Educação Física é o responsável pela orientação de atividades físicas e lúdicas no próprio ambiente onde é desempenhada as funções de trabalho.

E, na política, por um momento parece-nos não existir mais comícios políticos atrelados somente à ideologia do candidato, os “showmícios” (grifo nosso), como são conhecidos, possuem maior tempo de apresentação musical com personagens ilustres do meio artístico do que na exposição de plataformas políticas.

No Brasil

Atrelado ao contexto histórico, vimos que o lazer começa a apresentar-se com uma abordagem mais racionalizada e positiva, enquanto fenômeno social. Em nosso país, para que fosse socialmente permitido, incentivado e organizado pelo Estado deveria ser regulado, e o foi através da proposta da recreação institucionalizada. Nesta perspectiva, pretendemos apresentar o surgimento de uma fusão entre os significados de recreação e lazer, e sua articulação com a educação.

Substituindo termos mais usuais como “*jogo*” e “*parques de jogos*”, o termo recreação surge, naturalmente, nos Estados Unidos (final do século XIX), como uma expressão que englobava uma série de atividades de cultura popular (jogos, esportes, música, teatro, arte, estudos da natureza), organizadas ou livres, públicas ou privadas (Miranda, 1989).

O autor esclarece-nos que a recreação significava um movimento de altíssimo valor social, e assim não era vista somente como um conjunto de atividades desenvolvidas nos parques, e sim como parte da religião, do trabalho e da educação. De acordo com as próprias considerações levantadas pelo autor, ainda observa que a fixação do movimento da recreação fazia parte de um projeto social e político mais amplo, de formação e enriquecimento da personalidade humana, agindo – através de atividades alegres e prazerosas – na tranquilidade, na ordem e na segurança social (Miranda, 1989).

Posteriormente, a recreação “penetra o ambiente escolar” e conforme as orientações pedagógicas que vigoravam na época (Escola Nova), “à ela coube a função de disciplinar as mentes e cultivar os corpos das crianças de acordo com a educação moral, higiênica e física” (MARCASSA In GOMES, 2004:p.126) .

Werneck (2000) nos esclarece que segundo o pensamento escola-novista, a criança não é um adulto em miniatura, e despertar o interesse pelo aprendizado é o melhor instrumento pedagógico utilizado pelo professor, concebido como um simples facilitador do processo de conhecimento. Sendo o ensino centrado no aluno, valoriza-se o processo em detrimento do produto, estimulando a atenção, a curiosidade e o interesse da criança, de modo que o aprendizado seja realizado com espontaneidade, prazer e alegria.

Facilmente absorvida pelas instituições escolares, as práticas de atividades recreativas necessitavam de profissionais especializados para a sua condução. Com ênfase nos aspectos operacionais, a recreação estabelece um vínculo significativo com a Educação Física, área que, oficialmente, ficou incumbida de desenvolvê-la como uma interessante estratégia metodológica de organização de jogos e brincadeiras infantis⁶.

Para Werneck (2000: p.92), o histórico envolvimento da Educação Física com a recreação orientada é resultante de alguns fatores:

- a proposta oficial pelo Método Nacional de Educação Física, em 1942;
- a instituição do Serviço de Recreação Operária, em 1943 (substituído mais tarde pelo Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Social do Comércio (SESC), ambos em 1946;
- a criação da Campanha de Ruas de Recreio pela divisão de Educação Física do Distrito Federal, no final dos anos 50;

⁶ A opção de privilegiar a discussão dos jogos e brincadeiras para crianças, propiciou a disseminação de manuais de recreação, difundidos até nossos dias em cursos de faculdades e ensino profissionalizante para formação de monitores de recreação (também chamados recreacionistas). Dentre eles encontramos um dos pioneiros livros de Nicanor Miranda, 200 jogos infantis.- Editora Itatiaia.

- a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, de 1961;
- a proposta legal de currículo mínimo para a formação dos graduados em Educação Física, contemplando a recreação como uma disciplina formal, em 1962; e
- o decreto nº. 69.450, de 1971, tornando a Educação Física “desportiva/recreativa” obrigatória em todos os graus a níveis de ensino no Brasil.

Embora a recreação tenha ressaltado atividades características do universo infantil, a visão pedagógica dos profissionais foi ampliada em razão da acentuada preocupação destes, da sociedade, e do próprio Estado com atitudes que colaborariam para a manutenção da saúde - através da recuperação da força de trabalho - e minimização dos perigos causados pelo tempo ocioso dos operários.

Suprindo a própria defasagem apresentada pelos cursos superiores oferecidos na época, essas ações que visavam organizar o tempo de lazer de pessoas das mais diferentes faixas etárias, acabaram por exigir a orientação do quadro técnico, estimulando os profissionais a desenvolverem programas de formação específicos. Estes serviços (SESI e SESC) preparavam profissionais capacitados e ofereciam - e ainda oferecem - assistência aos trabalhadores da indústria, comércio e atividades semelhantes, através do desenvolvimento de ações na educação, saúde e lazer, centradas em atividades espontâneas, de livre escolha e estímulo à criatividade nos momentos de tempo livre, através do desenvolvimento de programações diversificadas.

Por volta de 1970, ainda com preocupação com a formação e o desenvolvimento técnico de seus profissionais, o SESC contou com a atuação do educador e sociólogo Joffre Dumazedier que através da realização de centros de estudos e pesquisas, cursos de especialização, seminários, encontros nacionais para a discussão do tema, influenciou os estudos do lazer no Brasil.

Em 1973, é criado o primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pela mesma instituição, em 1974 é oferecido o primeiro Curso de Especialização em Lazer (Werneck, 2000). Com o desenvolvimento de pesquisas e projetos específicos, muitos pesquisadores adotaram o lazer como objeto de estudos e a produção científica nacional adquiriu consistência quali e quantitativa: “são 336 pesquisas (sendo 292 dissertações de mestrado, 42 teses de doutorado e 2 de livre-docência) defendidas no período de 1972 a 2001” (GOMES, REJOWSKI, 2005). Para as autoras, a diferença entre as categorias é, em parte, justificada pelo maior número de programas de mestrado frente aos de doutorado e pelo interesse recente (as autoras apontam para um aumento a partir da década de 90) dos pesquisadores, no estudo da temática em questão.

Durante todo o período analisado, nota-se uma diversidade grande de áreas de conhecimento porém há liderança das áreas Educação Física (com 67 pesquisas, 20%) e da Educação (com 56 pesquisas, 17%). Da mesma maneira como dentre as 17 categorias identificadas com ocorrências regulares de distribuição, destaca-se a categoria Lazer e Educação como 36 teses (11% do total) e produção constante desde 1972, com predomínio na região Sudeste do país (71% da produção nacional).

Somando-se às dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre docência, instrumentos que melhor refletem o estado do campo, ou, neste caso o estágio atual do conhecimento científico (*state-of-art*) em lazer, as pesquisadoras Gomes e Rejowski (2005) nos apontam também para a existência, na década de 70, de uma pequena literatura nacional sobre o assunto, e a colaboração de instituições como PUC-RS (através do Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR) e SESC, que promoviam eventos importantes.

Sendo assim, a proposta educativa desenvolvida pela recreação – como um conteúdo do lazer e instrumento da educação – contribuiu para ser centro de

convergência entre especialistas interessados em conceber novas formas de educação: educação para o lazer e educação pelo lazer.

Educação para o lazer e Educação pelo lazer

As interpenetrações das formas que assumem a prática educativa refletem-se sobre o lazer - contextualizado social e politicamente – e que está presente nos diversos espaços (inclusive os escolares, como disciplinas ou atividades extra curriculares e recreativas), e em duas dimensões: o lazer como objeto da educação e o lazer como veículo da educação.

No primeiro caso, apontado por Requixa (1974), a “*educação para o lazer*” visa resgatar algumas capacidades do indivíduo comprometidas em sua vida pessoal e de trabalho, que poderão implicar em resultados gratificantes de aprendizado, estímulo e iniciação aos conteúdos culturais do lazer.

Verificamos neste aspecto as dimensões do processo pedagógico, através da importância dos educadores no incentivo a utilização do tempo livre, independentemente de verbas ou rendas, ou seja, do indivíduo possuir certo poder aquisitivo para acesso as atividades e equipamentos de lazer.

As ações educativas da dimensão do lazer enquanto objeto da educação, proporcionam também o despertar e o aprimoramento do gosto pela prática de atividades de lazer diversificadas, bem como da aprendizagem dos seus próprios valores culturais, advindos da cultura vivida, desenvolvidos e apreciados no tempo destinado às suas atividades próprias de lazer e de trabalho.

Na educação para a prática das atividades de lazer, é relevante a importância de que o indivíduo não só aprenda a utilizar a liberdade proporcionada pelo tempo livre, mas também saiba como utilizá-la, antecipando-se à vida de

lazer (paralelamente as suas obrigações no trabalho), sem esperar que esta possibilidade somente possa acontecer quando da chegada da aposentadoria, por exemplo.

Já a “*educação pelo lazer*”, segundo Requixa (1974), está relacionada ao desenvolvimento pessoal, através da motivação de mais conhecimentos, estimulando o indivíduo ao aprimoramento da educação, despertando-o para novos estudos ou para completar estudos antes interrompidos, ajudando-o até profissionalmente.

Dispondo de melhores recursos pessoais e profissionais, as atividades de lazer oferecem ocasião para que as pessoas externem suas faculdades criadoras, exercitem seus dotes artísticos ou estimulem a realização de suas virtualidades estéticas, facilitando ao indivíduo a contemplação e o prazer de admirar criações artísticas de outros, além de propiciar discussões para o desencadear de um processo de conscientização e posicionamento do indivíduo a uma participação social mais ampla, integrando-o em grupos.

Nesta dimensão temos o lazer como veículo da educação, tendo o aproveitamento das ocupações como instrumentos auxiliares do vasto campo educacional, através do desenvolvimento de valores, condutas e comportamentos. Segundo o autor (Requixa, 1974), a educação através do lazer está associada também ao processo de reeducação de jovens delinquentes e exerce importância na readaptação social. Alguns exemplos são as manifestações de dança como o *break*, ou de artes plásticas como o grafite, ou mesmo do movimento *hip-hop* – onde *rap* é a sigla de *rhythm and poetry*, “*ritmo e poesia*” – oportunidades de diversão aliados a difusão de mensagens críticas vivenciadas por alguns grupos sociais (neste caso, originários dos Estados Unidos).

Requixa (1974) ainda verifica que há um número crescente de adultos que emprestam a essa utilização do lazer um sentido social colocando-se, de uma

forma ou de outra, a serviço da comunidade e encontrando assim, ao mesmo tempo, um meio de auto afirmação, uma *“satisfação em realizar algo que ele visualize como uma complementação bem feita e dela se orgulhe”* (p.35). Desencadeando um processo de liderança, de formação de opinião, de assunção de responsabilidades e de trabalho em equipe, a educação pelo lazer vitaliza a participação cada vez mais ativa e mais responsável das relações sociais, afastando as atitudes de pura passividade receptiva.

Assim como o termo recreação se articula ao lazer (como vimos anteriormente), num contexto histórico, o mesmo acontece com a animação sociocultural, que tem como finalidade *“promover nos grupos e nas comunidades, uma atitude de participação ativa no processo do desenvolvimento social e cultural”* (ISAYAMA, STOPPA, 2001: p.75).

O termo animação sociocultural foi criado na década de 60, herdeiro da educação de adultos, que por sua vez, surge do movimento de educação extra escolar no século XIX.

“Em 1860, sob Napoleão III, a França instalou o ensino leigo, até então exercido quase apenas por padres e freiras. Os religiosos, para diferenciar o ensino deles do ensino leigo incluíram nas tarefas pedagógicas as excursões, os passeios, o teatro, o esporte etc. mas o movimento anti-clerical na França sempre foi muito forte e o que aconteceu foi uma grande competição entre os dois tipos de ensino, fazendo com que no início do século vinte, a animação já existisse e estivesse bastante desenvolvida...”(CAMARGO in RIBEIRO, 2003: p.91).

Para Pina (1995/1996), a Animação sociocultural consiste em *“dar ao indivíduo e aos pequenos grupos o gosto e a possibilidade de desenvolver suas relações com o seu ambiente, de se associar com os seus semelhantes para*

resolver em conjunto os problemas comuns, dando-lhes ao mesmo tempo o gosto e a possibilidade da iniciativa e da criação” (idem, p.8).

Para Melo e Alves Jr (2003), o papel do educador é de fundamental importância no processo de intervenção político pedagógica da educação para e pelo lazer, e sua função se assemelha a do animador sociocultural, que colabora com o desenvolvimento, organização, planejamento e execução das atividades de lazer, através também de lideranças espontâneas, junto à comunidade.

Para que esta intervenção se torne eficiente, é preciso considerar que enquanto o educador/ animador se familiariza com a metodologia a ser aplicada nas atividades de lazer, entende também que a educação é um ato político (FREIRE, 1996), ou seja, um ato – com intencionalidade - que permeia a escolha do conteúdo e da forma, principalmente quando este encontra-se envolvido com questionamentos como, quem é o indivíduo/ aluno que ele quer atingir e o que lhe interessa compartilhar.

Mascarenhas (2003), embasado na proposta de educação popular de Paulo Freire, entende o lazer-educação como *“posição política e político-pedagógica de compromisso com os grupos ou movimentos sociais mediante sua resistência e luta cotidiana por sobrevivência, por emancipação e pela conquista de um mundo mais justo e melhor para se viver”* (p.22). Parafraseando Paulo Freire, para o autor, o lazer como prática de liberdade significa, então, a possibilidade de mediante uma experiência lúdica e educativa, refletir sobre a realidade que o cerca e praticar a liberdade como um exercício de cidadania e participação social.

1.3. Tempo livre: reflexões sobre Envelhecimento e Cidadania

Com a constituição das sociedades industriais, temos a utilização de medidas cronológicas para mensurar a importância destacada ao trabalho, em detrimento do tempo ocioso. No momento em que o tempo passa a controlar a vida social das pessoas, ele se torna um dos elementos mais importantes da existência humana.

Se o trabalho, em meio a dimensão social que exerce, é importante nas faixas etárias mais jovens, é crucial na vida dos idosos, cuja participação no setor produtivo costuma ser reduzida ou às vezes, nula. A passagem de um tempo pleno de ocupações relacionadas ao trabalho para um outro como o tempo livre relacionado à aposentadoria é uma questão complexa principalmente porque além de cada sociedade encarar o processo de envelhecimento de seus idosos de maneiras diferenciadas, este processo, nos dias de hoje não pode ser comparado ao de cem, cinquenta ou dez anos atrás.

Os dados estatísticos⁷ nos revelam que o envelhecimento populacional já é um novo fenômeno, além de ganhar expressão e legitimidade sociais. Embora as políticas de atenção aos idosos ainda sejam desconhecidas pela maioria da população, o Estatuto do Idoso⁸, a criação de Conselhos Municipais⁹, a Política Nacional do Idoso¹⁰, grupos de estudos e atividades para a Terceira Idade, fortalecem este segmento mostrando serem instrumentos de colaboração para a conquista do respeito, dignidade e cidadania de uma parcela da população.

⁷ Berquó (1996) projeta a população brasileira acima dos 65 anos nos anos de 2000, 2010 e 2020, para homens de 4,36%, 4,8% e 6,37% e para mulheres, 5,86%, 6,76% e 8,86% respectivamente (apud PALMA: 2000, p. 15). Veras e Camargo (1995), afirmam que no ano de 2025, estaremos um contingente de idosos da ordem de aproximadamente 32 milhões de pessoas, devendo o Brasil, ocupar o 6º lugar no mundo em população idosa. (In LIMA: 2001, p. 110)

⁸ Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741 de 01/10/2003

⁹ O Conselho Municipal do Idoso teve sua criação em 1991 (Lei nº 791) e foi reformulado através da Lei nº 1615, de 11/09/97.

¹⁰ Estabelecida através da Lei nº 1921 de 26/12/2000

O conceito de idoso envolve várias dimensões: a biológica, a social, a econômica, a psicológica, a histórica, a ideológica, a política, a cultural dentre outras. Relacionando-se ou não, entre si, todas fazem parte de um processo pessoal, dinâmico e transformador ocasionados pelo envelhecimento. Tais determinantes são tão ativas e eficazes nas concepções do que é estar na velhice que acabam por influenciar o ritmo em que se processam as relações sociais. Estas, por sua vez, distintas do meio onde ocorrem – rural ou urbano, familiar ou social, dentre outras – poderão influenciar positiva ou negativamente as perspectivas de crescimento educacional, social, pessoal e político que uma parcela em crescimento de idosos almejam (Magalhães, 1989).

As especificações marcadas pela classe social que ocupam - pela cultura (que também compreende alimentação balanceada, atividades saudáveis, ações educativas) - pelos fatores sócio econômicos e condições sanitárias, individuais ou coletivas, das regiões onde habitam marcam uma conjuntura de diversas formas de viver e conhecer o processo de envelhecimento no tempo.

Dado a crescente produção acadêmica envolvendo a temática, Melo (1997) registra que não é uma apreensão homogênea mas ainda é superficial - porém louvável - a importância que se dá a aprofundadas discussões teóricas. Considera os bons projetos de intervenção como tendo qualidade, porém argumenta que há certa “glamourização” que tentam impor à “terceira idade”, utilizando-se de termos como “feliz idade”, “melhor idade”, a “idade de ouro” que segundo ele, em nada contribui para a melhor condição de igualdade. Ainda quanto aos termos utilizados, Goldman (2001: p.89) chama-nos a atenção quanto ao fato de que *“não se fala mais de ‘velhos’, termo politicamente incorreto para se referir ao ser que envelhece. Atualmente adotam-se novos estereótipos do “idoso produtivo e que frequenta grupos de atividades físicas, cultura e lazer”, numa aversão ao “velho coitadinho”.*

Pesquisas como a realizada pela Credicard¹¹(2006), apontam que somando-se ao aumento da expectativa e da qualidade de vida verificada nos últimos anos, bem como o prolongamento da permanência entre a população economicamente ativa, os consumidores com mais de 60 anos gastam mais com cartões de crédito do que os jovens.

Concentrando gastos de 49% - alimentação (26%), turismo e entretenimento (13%) e saúde (10%) - estes consumidores apontam não só o crescimento em ritmo acelerado da população nesta faixa etária e do significativo rendimento médio mensal, com também para a mudança de atitudes no ato de consumo, outrora vistos como conservadores e resistentes às mudanças.

Evidencia-se assim no lazer, compreendido entre dois opostos que podem apontar a possibilidade de fazer muitas coisas ou simplesmente nada, a aquisição de significados simbólicos e emocionais que conduzem a formação da identidade de pessoas que também podem escolher sobre o que fazer (mediante fatores subjetivos - interesses culturais), onde fazer (família, comunidade, serviço, universidade, etc) e como fazer (com renda financeira ou não).

Por outro lado, num país de fortes desigualdades sociais, o idoso aposentado nem sempre pode ser considerado uma pessoa privilegiada que usufrui totalmente de seu tempo livre, considerando que este tempo de não trabalho muitas vezes é somado a tarefas domésticas e trabalhos complementares, não formais (semilazeres) ou mesmo formais, que minimizam as dificuldades dos mínimos rendimentos mensais. Assim como acontece em todas as faixas etárias, é preciso respeitar as especificidades colaborando para que o

¹¹ De acordo com a pesquisa – que se baseia em informações do Censo Demográfico 2000 e da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) 2004 – o consumidor acima de 60 anos ganha em média R\$ 780,20 por mês (mais que a média dos jovens, de R\$ 701,50) e é em sua maioria, aposentados ou pensionistas (76,7%) – e tem, geralmente, algum tipo de renda adicional, de trabalho, aluguel ou outra atividade. (Matéria: Consumidor da 3ª Idade gasta mais com cartão que jovens – Jornal Diário do Grande ABC – Caderno de Economia – 05/04/06)

indivíduo em fase de envelhecimento não seja compreendido como uma categoria descolada da sociedade, *“devem ser considerados como seres humanos concretos, que viveram e vivem em uma sociedade historicamente constituída, em que relações diversas de poder coexistem, na maior parte das vezes não harmonicamente”* (MELO, 1997: p. 61).

Com relações sociais que não se mantêm equilibradas (jovens, adultos e idosos; pobres e ricos; não-alfabetizados e universitários), resultando em liberdade de ações – juntamente com a não consciência que cada um tem do seus próprios direitos e deveres – o Estado passa a atuar como propulsor frente a serviços regularizadores e de controle, como é com relação a segurança, justiça, educação, lazer, cultura, dentre outros.

Enquanto regulador, Santos (2000) defende que o Estado é apontado como um mal necessário porque age de maneira tirana no modo de exercer o controle através da massificação cultural, que também conta com o papel da Mídia enquanto agente da desordem dos valores e da falsidade das informações transmitidas - promovendo uma certa fragmentação. Releva ainda, que a globalização, vista por esta ótica, fragmenta e incentiva uma diversificação que não pode ser vista como positiva pois poucas pessoas se manifestam, dificultando as renovações e mudanças.

Neste sentido, a sociedade do conhecimento sente o significativo papel não só do Estado mas também da Mídia e das novas tecnologias, por estar inserida em meio a um mundo globalizado onde os valores humanos associam-se aos bens de consumo e a informação. Por outro lado, como vimos anteriormente, as pesquisas apontam que uma vez que o Estado se alie a Mídia e as novas tecnologias, poderá se apresentar como esperança para mudanças na medida em que – preservando as heterogeneidades - proporcione acesso às informações e partilhe aspectos culturais e do lazer através da promoção da formação dos indivíduos na sociedade. A sociedade por sua vez, deveria impulsionar o Estado a

preservar o valor da identidade, o que não acontece. Neste caso, Santos (2000) entende também que o papel do Estado é fazer com que os serviços regularizadores e de controle se voltem à realidade a que se insere o homem.

Os governantes não são os únicos a agir no Estado, o cidadão pode ter parte ativa agindo sobre os que governam, contribuindo principalmente para a formação da opinião pública. Mas nos deparamos ainda com o problema da educação. Porque a igualdade dos cidadãos implica a igualdade dos indivíduos em relação ao saber e a formação. Surge enfim a questão do tipo de educação do cidadão assim definido. Essa educação não pode mais simplesmente consistir numa informação ou instrução que permita ao indivíduo, enquanto governado, conformar-se com escrúpulo e inteligência. Deve fornecer-lhe, além dessa informação, uma educação que corresponda a sua posição de governante potencial (CANIVEZ, 1991: p.14).

Trabalhar no contexto da formação – e não informação – nos remete a propagação de determinados aspectos de ordem social funcionando de um lado como questionamentos e indagações e de outro, com a recuperação dos bens culturais para se desenvolver diálogos multidisciplinares e interdisciplinares nas diversas esferas do conhecimento.

O papel da educação deve contemplar programas que estejam atentos as várias dimensões do saber, podendo contribuir para potencializar a compreensão do idoso no contexto em que está inserido, além de ser um facilitador para a humanização do sujeito que passará a entender-se como agente e não somente paciente de um novo processo social.

À educação cabe o papel de propiciar aos idosos a oportunidade e o local para o desvelamento de suas condições, oferecendo um espaço alternativo de atividades culturais referentes à saúde, promovendo atividades intergeracionais, no sentido de reinserir a terceira idade no espaço da cidade, como cidadãos. (STANO, 2001: p.158)

O indivíduo no processo de envelhecimento está na sociedade e, portanto, continua tendo uma função social ativa, com direitos e deveres a contribuir para traçar ativamente novos rumos, tendo que reivindicar soluções que possam atender aos seus interesses tanto como os demais cidadãos de outras faixas etárias.

Enquanto sujeitos históricos e, como tal, criadores e criaturas da sociedade da qual fazem parte, o processo de envelhecimento deve proporcionar aos indivíduos viver e continuar a aprender permanentemente. Num exercício de cidadania, devem compartilhar o que sabem para a sua e para as demais gerações, exercendo seu papel social de maneira a ser conquistado no cotidiano, proporcionando um processo dinâmico e compatível com a sociedade.

Educação permanente e espaços educativos

No momento em que os idosos adquirem espaço na sociedade, o processo de envelhecimento passa a ser visto como uma possibilidade de realização de novos projetos que contribuem para reforçar as propostas oferecidas para o preenchimento da ampliação do tempo livre, como o que acontece com as atividades prazerosas de lazer e de educação, que surgem em meio a novas demandas de serviços a um público cada vez mais especializado.

Num mercado altamente competitivo e produtivo, os idosos – tanto quanto os jovens - precisam estar atualizados, aprimorando-se constantemente durante as diferentes etapas da vida escolar e profissional, ocorridas da infância à terceira idade. À medida que a sociedade vai se tornando cada vez mais dependente do conhecimento mais torna-se necessário questionar e mudar certos pressupostos que fundamentam a concepção de aprendizagem, principalmente a educação escolar e pós-escolar.

Relacionando a possibilidade de aprendizado permanente em um tempo livre, associado a momentos de prazer e descomprometidos das obrigações cotidianas, surgem as possibilidades de práticas educativas espontâneas e/ou intencionais¹², que proporcionam o desenvolvimento cultural, social e pessoal dos indivíduos em meio ao processo de envelhecimento.

Além de envolver aprendizagem, Valente (2001) aponta para as formas diferenciadas de educação para com os idosos: “*é uma aprendizagem construída e não simplesmente memorizada, mesmo quando ocorre em ambientes formais de educação, ela é diferente*” (Idem: p.32); e que as características prazerosas de que a terceira idade está descobrindo devam estar presentes em outros períodos de nossa vida educacional, principalmente no escolar e no profissional.

Valente (2001) relaciona infância e terceira idade em razão de existir uma predisposição para a aprendizagem. Assim como para as crianças no período que antecede a fase escolar, a aprendizagem para os idosos é centrada na curiosidade, na busca ativa por informação através de atividades que interagem com os objetos e ambientes, proporcionando a resolução de problemas que acontecem de forma natural no dia a dia.

Ressaltando o desejo de continuar a aprender muito além das necessidades impostas pelo mercado, o autor ainda observa o crescente número de programas criados pelas Instituições educacionais para atender a população da terceira idade, levando-nos a refletir sobre o papel dos espaços educativos para esta faixa etária que “*passam a dedicar parte do seu tempo para ‘fazer coisas que se gosta’ ou aquelas que não foram realizadas por conta da ‘falta de tempo’*” (VALENTE, 2001: p.31).

¹² Cortella (2004:p.49) fala-nos que a “*Educação pode ser compreendida em duas categorias centrais: educação **vivencial e espontânea**, o ‘vivendo e aprendendo’ (dado que estar vivo é uma contínua situação de ensino/aprendizagem, e educação **intencional ou propositada**, deliberada e organizada em locais predeterminados e com instrumentos específicos (representado hoje majoritariamente pela Escola e, cada vez mais, pela Mídia)*”.

Stano (2001) discorre sobre esses espaços como uma possibilidade de recuperação da qualidade de vida e como sendo “*sinônimo de construção do ser integral na atividade produtiva, na vida social, nas relações com o Estado e com o próprio corpo*” (Idem: p.157), ou seja, a possibilidade de espaços construídos pela ação conjunta.

Pensar qualidade de vida em meio a projetos educacionais para pessoas em fase de envelhecimento, para a autora, é “*propiciar um refazer de espaços* (p.163)” em meio a possibilidades deste espaço ser propulsor de crescimento humano entre estratégias pedagógicas que evitem a fragmentação do conhecimento.

A predisposição natural do ser em envelhecimento acumular cultura e valores, somados a esses programas de intervenção sócio-educativos, oferecidos em ambientes de aprendizagem com atividades e estratégias diferenciadas, provocam reflexões em grupo e transmissão de conhecimentos de maneira diferenciada que do ensino tradicional.

Geralmente essas instituições geram uma estrutura física e administrativa própria, com aulas e assuntos curriculares diferenciados e com uma metodologia diferente da que é empregada em um curso tradicional. A ênfase não é a transmissão de informação, mas a discussão em grupo. É cultivada a heterogeneidade de idéias e experiências ao invés da uniformização da formação, testes e provas são abolidos e a certificação é a última coisa que importa nesta experiência. Nem por isso deixam de existir a qualidade e empenho dos alunos. Muito pelo contrário. Isso mostra que a educação pode ser uma atividade prazerosa, mais condizente com as “experiências ótimas”, na visão de Csikszentmihalyi¹³, mais para o entretenimento, do que para a educação maçante que essas mesmas instituições impõem aos

¹³ O autor faz referência a CSIKSZENTMIHALYI, M. Flow: the psychology of optimal experience. New York, Harper Perennial, 1990.

*seus alunos em programas de certificação.
(VALENTE, 2001: p.32)*

Cabe porém salientar que embora ocorra uma diferenciação nas metodologias aplicadas, nem sempre as ótimas experiências podem ser atingidas por meio de atitudes fáceis e prazerosas. Assim como acontecem, por exemplo, nos desafios (de ordem motora, conceitual, postural e de atitude) a serem vencidos nas aulas de informática¹⁴, o processo de aprendizagem conta com o interesse geral do grupo, “*ela acontece quando as pessoas estão inteiramente envolvidas, mergulhadas na situação e dando o máximo de si.*” (idem, p.31).

A aprendizagem que ocorre na infância e na terceira idade é possível graças à criação de ambientes adequados e à presença de pessoas que funcionam como agentes que favorecem a construção de conhecimento. Por exemplo, as aulas e atividades educacionais para a terceira idade não são as mesmas da escola tradicional. O ambiente criado para a aprendizagem de informática e para a elaboração do jornal¹⁵ foi explicitamente construído com base em Teorias de Aprendizagem, Teorias da Interdisciplinaridade e Teorias da Informática na Educação, além de contar com a ajuda de um profissional que sabe sobre essas teorias e as coloca em prática na medida em que se torna um efetivo agente de aprendizagem (VALENTE, 2001: p.38 apud KACHAR, 2000).

Como podemos perceber, a eficaz utilização do tempo livre, através da valorização dos momentos de lazer na educação, está diretamente relacionada

¹⁴ Os desafios apresentado aqui são de ordem motora: dificuldades de manusear o mouse; de ordem conceitual: como abrir um aplicativo, com salvar um texto; de ordem postural, com vistas a ergonomia e de ordem atitudinal, como ser um aprendiz neste novo conceito educacional) propostos pelo “curso de Introdução à Informática na Universidade Aberta para a Maturidade da PUC-SP” e que é ministrado pela professora Vitória Kachar, desde 1998. Sua abordagem educacional interdisciplinar é relatada em seu livro *Terceira Idade e Informática*. São Paulo: Editora Cortez, 2003

¹⁵ Segundo Valente (2001) “O Jornal Computador possui qualidade estética e de conteúdo que não deixa nada a desejar para um ‘Newsletter’ publicado por empresas especializadas (possui tiragem de 2500 exemplares que são distribuídos para a comunidade em geral) (p.33)

com o desenvolvimento de programas nos diversos espaços escolares, assim como nas práticas pedagógicas neles desenvolvidas. Tornar o processo de aprendizagem agradável, porém, tem sido um dos maiores desafios, principalmente quando encontramos professores em meio a situações conservadoras e ultrapassadas.

Para entender a educação com um processo de aprendizagem permanente, duradoura e plena de resultados, segundo Ferrigno (2005), é preciso torná-la agradável, como se as experiências assumissem uma natureza lúdica, porém não descomprometida de objetivos e metas a serem alcançadas.

Nesta perspectiva, a possibilidade de uma educação permanente ao longo da vida é possível se somarmos a predisposição da aprendizagem (natural e inata) com os ambientes físicos (espaços escolares) e não físicos acrescidos da ação de profissionais (agentes de aprendizagem) capacitados e conscientes do seu papel no processo.

...surge um perfil diferente de professor (a) necessário ao próprio resgate de qualidade de vida. Não se limita a reproduzir conhecimentos, mas torna-se co-responsável pela construção de significados no mundo. (STANO, 2001:p.165)

Num olhar atento para a maneira como as instituições desenvolvem o planejamento, a definição curricular, a forma e o conteúdo das experiências com que os alunos da terceira idade vem colocando em prática, a autora, alerta-nos para a necessidade de uma “*desconstrução da relação pedagógica*” (Idem: p. 165), ampliando as possibilidades de ação dos alunos, com o apoio do professor (não mais, o único detentor da verdade).

Masetto (2003: p.37) também abrange a relação professor aluno quanto se refere ao processo de aprendizagem como sendo “*um processo de crescimento e desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade*”, que abrange as áreas do

conhecimento (ou cognitiva, que compreende os aspectos mental e intelectual do aluno), afetivo-emocional (que implica no crescente auto-conhecimento), habilidades (através do exercício contínuo de trabalho em equipe e comunicação com os colegas) e atitudes ou valores.

A área de atitudes e valores compreende o “*desenvolvimento de valores pessoais, éticos, históricos, sociais e culturais*” (Idem, p. 40) em que o aluno adquire através da responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem e empatia para com o outro, o comprometimento com o crescimento e melhoria da qualidade de vida pessoal e social, numa fundamental interação entre o mundo individual do aprendiz com sua família e sociedade.

O processo ensino aprendizagem ocorre em construção conjunta, onde o professor é mediador, incentivador da relação democrática com o aluno. Construindo junto, o professor facilita o processo, através de práticas pedagógicas, lúdicas ou não, que ampliam este canal de comunicação e expressão, abrindo caminhos para desenvolver autonomia para que o aluno/ idoso desenvolva significado naquilo que aprende, associando e assimilando a teoria apresentada em sala de aula com a prática adquirida na integração com o grupo e através das experiências individuais de cada um, ao longo dos anos de vida.

Finalmente, a contínua e permanente atualização implica não só nas experiências pessoais e profissionais adquiridas pelo professor enquanto – para efeito deste trabalho, pesquisador interessado pela temática que articula lazer à educação – como nas indagações e análises, não só do processo de aprendizagem ocasionado através de sua co-relação com o aluno em processo de envelhecimento, mas também dos aspectos que envolvem a vida humana.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA UTILIZADA

Neste trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa com dois procedimentos: análise documental e questionários.

A pesquisa qualitativa

Chizzotti (2006:p.19) define pesquisa como um processo de busca, como “um esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade”.

Ludke e André (1986: p.1) apontam para o fato de que “*a palavra pesquisa ganhou ultimamente uma popularização que chega por vezes a comprometer seu verdadeiro sentido*”. As autoras notam esse fenômeno em várias instâncias como em pesquisas políticas com interesses eleitoreiros; nas pesquisas escolares de níveis elementar e médio (onde através do pedido da professora, os alunos pesquisam materiais em únicas fontes como enciclopédia, periódicos ou Internet), etc, e que não esgotam o sentido do termo pesquisa.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (Idem: p.1-2).

Segundo Chizzotti (Idem: p.25), uma vez que “*clara ou indefinidamente, todo pesquisador tem uma concepção de mundo, genérica ou sistematizada de teorias, que informa toda sua atividade*”, delimitar um problema através da

formulação de uma questão, é uma das maiores dificuldades para quem inicia uma pesquisa.

Para efeito deste trabalho, a delimitação do problema encontra-se centrada na questão única: “Quais as concepções de lazer para alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento?”

Ludke e André (1986) lembra-nos que a pesquisa – enquanto uma atividade humana e social - traz consigo uma inevitável carga de valores, preferências, interesses e princípios, fruto da curiosidade investigativa dos indivíduos, “*a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente*” (p.2) e que também, se realiza “*dentro das atividades normais do profissional da educação, seja ele professor, administrador, orientador, supervisor, avaliador, etc*”.

Uma vez que a pesquisa se aproxima da vida diária do pesquisador, do educador, em qualquer âmbito que ele atue, torna-se um instrumento de enriquecimento de seu trabalho.

A pesquisa atual em ciências sociais e humanas segue duas orientações básicas: a quantitativa – “*que recorre aos recursos quantitativos (mensuráveis) para comprovar as incidências a partir das quais será possível estabelecer as leis e aventar uma teoria explicativa*” (Chizzotti, 2006:p.27) – e a qualitativa, que podem ou não utilizar-se de quantificações, porém “*pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem*”(Idem: p.28).

(...)O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. (CHIZZOTTI, 2006: p.28).

Ludke e André (1986) nos apontam para o evidente interesse de pesquisadores da área da educação para com a pesquisa de abordagem qualitativa e que apesar da crescente popularidade dessas metodologias, ainda existem dúvidas sobre o que realmente é pesquisa qualitativa, quando é adequado ou não utilizá-la e como se coloca a questão do rigor científico dessa investigação.

Borgdan e Biklen (1982), citado por Ludke e André (1986: p.11-13), apresentam-nos cinco características básicas que configuram o conceito de pesquisa qualitativa, e que justificam a nossa escolha neste trabalho:

1. *A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.*

Neste trabalho, foi proposto obter um contato direto com os sujeitos, através de meio eletrônico (por troca *e-mails*), por telefone e pessoalmente, sendo alguns, em seu ambiente habitual. Como os sujeitos foram alunos (alguns já no exercício da docência) e professores de um curso de extensão universitária, em muitos casos, foi entendido também como ambientes naturais, os locais como suas residências e a PUC de São Paulo. Vários anos de estudos indiretos e diretos mais atuação nos segmentos de educação e lazer proporcionaram a familiaridade para tratar do assunto investigado com naturalidade e flexibilidade, valorizando as pessoas, os gestos, as atitudes, as palavras, referenciadas no contexto onde apareceram.

2. *Os dados coletados são predominantemente descritivos*

O material obtido neste trabalho é rico em descrições e manifestações, colhidas através de um depoimento (e transcrição), e das respostas da questão única (aberta), sugerida no formulário de pesquisa de campo. Todos os dados da realidade foram considerados importantes, para ilustrarem vários aspectos levantados no corpo do trabalho, no capítulo de Fundamentação Teórica e como citações, no capítulo de Apresentação e Discussão dos Resultados.

3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto

O interesse em estar atenta a como se constituiu a reflexão sobre as concepções de lazer na educação dos idosos, para alunos e professores de um curso de extensão universitária e como possivelmente, estas concepções podem vir a se manifestar nas atividades desenvolvidas nos espaços educativos para pessoas com interesse na questão do envelhecimento, foi o principal foco.

4. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador

Houve o cuidado de constituir um referencial teórico, fazendo emergir o conhecimento já adquirido pela pesquisadora antes de entrar em contato com os participantes da pesquisa. Isso foi primordial para que aguçando as percepções, fosse possível encontrar meios para checar as respostas, confrontando-as com os autores pesquisados e discutindo-as, quando necessária e conveniente, abertamente com os próprios participantes.

5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo

Enquanto pesquisadora, não me detive em buscar evidências para comprovar quaisquer hipóteses pré formuladas a respeito do tema deste trabalho. A análise dos dados constituem-se num processo flexível, e que evoluiu à medida que as análises e interpretações estavam sendo realizadas.

O cenário

Para efeito deste estudo, buscou-se por uma Instituição de Ensino Superior – a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) - e que segundo Zveibil (1999, p.262-263) possui uma estrutura que preserva a valorização da atividade didática e da formação humanista e integral na qual a educação emerge como

fator de relevância máxima e a universidade como instrumento de transformação social.

O curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento, oferecido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Segundo o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão, em 1987, a “Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade, para alunos egressos do ensino superior ou em fase de conclusão de curso de graduação.

A justificativa de analisar este curso esteve no interesse de verificar como alunos e professores pensam e discutem as concepções de lazer na educação dos idosos. Com o olhar específico para a articulação ensino e pesquisa, apresento como se deu o surgimento da proposta de curso, os objetivos, o perfil dos alunos, a oferta curricular (temas abordados), o regime didático pedagógico (carga horária, metodologia, recursos, avaliação e aprovação) e o papel da coordenação .

Surgido a partir dos interesses pessoais e estudos acadêmicos da Prof^a Dra. Mere Abramowicz (coordenadora acadêmica) e da Prof^a Dra. Vitória Kachar (coordenadora executiva) pelo aprofundamento da temática educação e envelhecimento, o curso foi concebido administrativa e academicamente pelo Programa de Educação - Currículo, no período de 2002 a 2006, inicialmente com o nome de Educação e projetos curriculares para atuação junto ao idoso (nos anos de 2002 e 2003) e Educação e Envelhecimento (2004 a 2006). Nos dois primeiros anos (2002 e 2003), o curso foi apresentado em módulo único (respectivamente 68 e 76 horas/ aulas) e a partir de 2004, em dois módulos, um por semestre, sendo assim distribuídos: em 2004, dois módulos de 48 horas/

aulas; em 2005, dois módulos de 52 horas/ aulas e em 2006, o módulo 1 fora apresentado com 56 horas/ aulas (o módulo 2 não foi oferecido).

Com a proposta de oferecer novas perspectivas de reflexão teórico-prática sobre o aprender ao longo da vida, o curso apresentava os seguintes objetivos: desenvolver ações que objetivam conhecer a realidade do idoso e intervir na promoção dos interesses e das necessidades específicas deste universo heterogêneo; promover a qualificação dos diferentes profissionais na intervenção educativa de idosos, junto as diferentes instituições, comunidades e universidades abertas; e, renovar as práticas e os currículos, visando o desenvolvimento integral dos idosos, proporcionando igualdade de oportunidades e inclusão social.

O curso de extensão universitária, tinha inicialmente, como público alvo, profissionais das áreas da Educação e da Saúde que atuavam ou desejavam atuar com a temática da longevidade e do envelhecimento. Com o decorrer dos anos, além deste perfil se manter, o curso passou a ser procurado por profissionais oriundos das mais diversas áreas de interesse: Administração de Empresas, Artes, Educação Física, Enfermagem, Filosofia, Fisioterapia, História, Hotelaria, Letras, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Tecnologia da Informação, Terapia Ocupacional, Turismo, dentre outras.

Face a diversidade das áreas de formação dos alunos, a preocupação constante da coordenação com o fomento à pesquisa e a partir da interlocução com as competências específicas (profissionais e acadêmicas) de cada docente, o curso apresentou a seguinte oferta curricular: temas como os processos de envelhecimento; complexidade; diversidade cultural; memória; aprendizagem permanente; concepções de currículo; práticas e projetos educacionais; qualidade de vida; tecnologia, dentre outros. Segundo Kachar (2006), "*a temática tempo livre e aposentadoria perpassavam pelos conteúdos principais de educação e envelhecimento*", através das abordagens diferenciadas de professores e pesquisadores da Educação (Antonio Chizzotti, José Armando Valente, Mariúza

Pelloso Lima, Mere Abramowicz, Rita de Cássia M. T. Stano, Vitória Kachar); da Gerontologia (Antonio Jordão Netto, Elisabeth Mercadante, Nádia Dumara Ruiz Silveira, Susana Medeiros e Vera Brandão), e da Saúde (Alda Ribeiro).

À medida que os temas eram apresentados, discutidos e adequados ao perfil das turmas, procurava-se também pela adoção de estratégias diversificadas como aulas expositivas (com utilização de recursos como televisão, vídeo, *flip chart*, poesias, etc); leituras e reflexões teórico-práticas, individual e coletiva (através de apresentações em seminários); aulas práticas no laboratório de informática; palestras com a participação de alunos e professores atuantes em Universidades e Faculdades Abertas da Terceira Idade.

Com uma metodologia que favorecia o aperfeiçoamento e crescimento do curso, a coordenadora executiva Vitória Kachar (2006) aponta-nos para a importância do processo de avaliação contínua e constante. O acompanhamento direto da coordenação neste processo, foi responsável para que ocorresse uma adequação no grau de satisfação dos alunos e professores, aos temas abordados durante os módulos.

...nossa preocupação era realmente reavaliar, aplicávamos ao final de cada turma, em cada módulo (quando começamos a trabalhar com o módulo), uma avaliação perguntando, ouvindo sugestões, ouvindo as críticas...

É muito interessante isso, porque nós temos essa proximidade, de estar junto, de acolher, de ouvir, enfim. Então nós sempre ouvíamos as sugestões no que precisava melhorar. O curso esteve o tempo todo, em processo de aperfeiçoamento.

No que se refere ao processo de avaliação do aluno, propriamente dito, ratificando a preocupação da coordenação quanto a importância da pesquisa e conseqüente conscientização dos alunos na reflexão da temática Educação e Envelhecimento, procurava-se incentivar, ao final dos módulos, a elaboração de projetos ou mesmo a apresentação de práticas curriculares para os idosos,

valorizando o comprometimento acadêmico, principalmente para aqueles que prosseguiriam estudando, freqüentando programas de pós-graduação como os de mestrado em Gerontologia ou mesmo Educação (Currículo) da mesma instituição educacional – PUC.

Os protagonistas

Para que ocorresse a investigação, contou-se com o apoio da Coordenação Executiva do curso que prontamente forneceu os dados (endereços eletrônicos e telefones) para a efetivação dos contatos. Compondo 100% da população de alunos e professores do curso, tivemos 86 nomes indicados, sendo 74 de alunos e 12 de professores. Destes, 24 alunos (32,5%) e 6 professores (50%) responderam prontamente, em alguns casos, criando inclusive uma comunicação maior com a pesquisadora, através de contatos eletrônicos e telefonemas. 36 alunos (48,6%) e 4 professores (33,5%) não se manifestaram, mesmo depois de insistentes contatos e 14 alunos (18,9%) e 2 professores (16,5%) apresentaram problemas com a atualização de dados cadastrais.

Através da elaboração e distribuição de um questionário composto pela identificação (nome, formação e atuação profissional) e questão única (“Qual é a sua concepção de lazer na educação dos idosos?”), foi possível detectar aspectos da concepção de lazer dos alunos e professores que participaram do curso de extensão sobre Educação e Envelhecimento, no período de 2002 a 2006.

Quanto ao item formação, tomamos como base identificar a titulação máxima de cada entrevistado (aluno ou professor). Do grupo dos alunos, com exceção de um entrevistado (representando 3,5%) que não informou sua formação, 67% possuem somente a graduação, 17% são especialistas e 12,5% são mestres. Do grupo dos professores, que ministram temas durante o curso, 85% são doutores e 15% são livre docente, ratificando o alto grau de formação docente.

A população de alunos é representada por egressos de 48% de cursos da área de Humanas (Administração de Empresas, Arquitetura, Direito, História, Jornalismo e Pedagogia); 45% da área da Saúde ou Biológica (Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Terapia Ocupacional) e, 3,5% da área de Exatas (Tecnologia da Informação) - 3,5% não informaram. Já a população de professores, é representada por egressos de 70% do curso de Pedagogia (área de Humanas), 15% do curso de Psicologia (área da Saúde) e 15% do curso de Engenharia Mecânica (área de Exatas).

Quanto a atuação profissional, no grupo dos alunos temos que 54% atuam nas suas áreas de formação porém não no exercício docente; 33,5% são ou foram professores (29% atuam como professores e 4,5% são professores aposentados), e 12,5% não informaram sua atuação profissional. No grupo dos professores, 100% atuam no exercício docente.

A organização dos dados

Uma vez que os dados foram colhidos eletronicamente, através do questionário contendo a questão única, procedemos a organização, seguindo as etapas:

1. leitura das respostas dos 30 entrevistados;
2. agradecimento ao entrevistado pelo envio ou esclarecendo dúvidas e remetendo novas informações;
3. registro do material no computador;
4. elaboração de quadro síntese (organizando de um lado as respostas, de outro identificando os temas principais);
5. elaboração de quadro síntese contendo a apresentação do curso (oferecido por módulos, de 2002 a 2006); o universo pesquisado; o perfil dos entrevistados (nome, formação e atuação profissional);

6. análise dos temas, delineando as categorias, levando em consideração a frequência das respostas bem como o significado para o problema estudado.

7. retomada ao texto no capítulo de Fundamentação Teórica, verificando como os temas foram contemplados, e dando sequência a análise e discussão dos resultados.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo visa demonstrar como foi tratada a análise dos conteúdos, interpretados a partir das respostas dos entrevistados (alunos e professores), à questão única: Qual sua concepção de lazer na educação dos idosos?”

Destacadas – nesta análise – as respostas de alunos e professores, os entrevistados foram diferenciados pela identificação (“Aluno A, B,...”) e (“Professor 1, 2, ...”). Na discussão dos dados, foram utilizados trechos dos depoimentos de ambos (alunos e professores), já que foram identificados convergências significativas.

Decompondo-se o conteúdo das respostas em fragmentos mais simples, certas sutilezas foram reveladas e que, com o conhecimento teórico prévio do tema e retomada da leitura na Fundamentação Teórica, os temas reincidentes nas respostas dos entrevistados iam surgindo e dando corpo ao trabalho. Segundo Abramowicz (1996: p. 81-82), *“esta sistemática é muito rica, porém, bastante demorada, pois pressupõe um ir e vir aos dados empíricos, às fontes, um constante questionar, revisar e reformular das categorias, tendo em vista os pressupostos da investigação”*.

A eleição das categorias foi fundamental para atingir os objetivos pretendidos a partir da verificação dos pressupostos, previamente definidos, na introdução deste trabalho e apresentados no referencial teórico.

Partindo da própria definição da palavra lazer (*licere* latino, *loisir* em francês e *leisure* em inglês), e sabendo-se que os povos espanhol, italiano e alemão não possuem palavra correspondente, adotando termos de raiz igual a recreação, com a mesma finalidade e sentido (Camargo, 1998), o entrevistado Professor 6, se

reporta ao auxílio do dicionário para nos responder que *“lazer, na concepção léxica, se traduz por ócio, descanso, folga, vagar, passatempo (vide Novo Aurélio)”*.

Com os estudos recentes do lazer no Brasil, a partir das décadas de 70 e 80, e sob a influência do sociólogo e educador Joffre Dumazedier, pesquisadores como Luiz Octávio de Lima Camargo, Nelson Camargo Marcellino, Renato Requiça, dentre outros, colaboraram (e ainda colaboram) para a propagação da temática, para muitos, ainda complexa e desconhecida mas, fundamental.

“Esta é uma questão complexa, principalmente quando trabalhamos com concepção. Mas, vamos tentar”. (Aluno C)

“Lazer não é um assunto que eu tenho muito conhecimento. Posso falar superficialmente sobre o que observo dos idosos que atendo no consultório e dos idosos do asilo que trabalho como voluntária (São Vicente de Paula de Atibaia). Acho lazer fundamental na vida do idoso”. (Aluno H)

A partir do conceito de lazer difundido por Dumazedier (2004 a: p.34), como *“sendo um conjunto de ocupações...”*, o autor destaca que para tal é preciso apresentar três funções (descanso, divertimento e desenvolvimento), como vimos na colocação do entrevistado Professor 6:

“no que se refere a educação para os idosos, penso que deve ter um sentido mais amplo, devendo ser desenvolvido como algo que além de entreter, relaxar ou descontrair, acrescente conhecimento e informação” ou em colocações fragmentadas, como, relacionando ócio ao descanso, aliado ao divertimento: *“Atividades realizadas nos tempos livre de ócio, que visam o bem estar da pessoa, divertir-se, ter prazer, “rir”, descontrair”*. (Aluno C);

ou relacionando-o a desenvolvimento:

“Na minha opinião, o lazer para os idosos, deve ter atividades que agregue a construção, desenvolvimento e crescimento do sujeito. Onde ele possa desenvolver sua cognição, emoção e corpo. Fazê-lo sentir-se responsável por esse desenvolvimento e capaz de proporcionar isso para os outros”. (Aluno U)

Além das três funções (caracterizadas como os 3 D's de Dumazedier), o autor defende também que as atividades realizadas no lazer apresentam quatro características: liberatório, desinteressado, hedonístico e pessoal. Tanto as funções como as características aliam-se entre si, dado este perceptível nas associações encontradas nas respostas de vários entrevistados:

a) função diversão e o característica liberatória:

“Lazer para idoso entendo como diversão. Diversão no sentido de busca de qualidade de vida de uma forma descontraída, sem obrigação”. (Aluno L)

b) função desenvolvimento e o característica pessoal:

“Para mim a idéia de lazer, seja ela qual for a idade, implica em fazer alguma atividade com prazer e que nos traga um crescimento interno. Esse crescimento pode ser cognitivo/intelectual, emocional, social, etc”. (Aluno M)

“Lazer na educação para os idosos, acredito ser uma atividade que envolva o que ele gosta de fazer e ou desperte algum interesse aliado a um desenvolvimento intelectual constante, com diferentes faixas etárias”. (Aluno P)

c) funções divertimento e desenvolvimento e características hedonística e pessoal:

“Minha concepção de lazer para os idosos, refere-se a uma escolha pela diversão, como jogos que além de tudo beneficiam a socialização, natação, caminhadas, enfim tudo aquilo que possa dar prazer e mostra ao idoso que ele é capaz de se divertir”. (Aluno W)

E também, somente os características hedonística, liberatória e pessoal, respectivamente:

“Lazer é fazer algo prazeroso independente da atividade, por exemplo ir às aulas da Faculdade Aberta da Terceira idade” (Aluno Q)

“Penso que o idoso tem o direito de escolher as atividades de lazer que mais lhe agradam”. (Aluno V)

“fundamental para nos trazer alegria e redescobrir o sentido da vida, para manter nossa saúde mental e emocional, conseqüentemente física, assim como despertar dentre nós novos talentos” (Aluno A)

Elencadas como categorias de análise, dada a recorrência como os temas surgiram, temos que tempo, atitude, cultura vivida, espaços de lazer (e

educativos), atividades, e a articulação lazer e educação, encontram-se presentes como elementos caracterizadores das concepções de lazer de muitos dos pesquisadores, como também das respostas de nossos entrevistados.

Lazer definido a partir da associação com tempo disponível e tempo livre, nos é apontado tendo também relação com o tempo de aposentadoria, em meio ao processo de envelhecimento.

“lazer como o tempo que é aproveitado para realizar atividades prazerosas”.(Aluno K)

“Atividades realizadas no tempo livre de ócio, que visam o bem estar da pessoa, divertir-se, ter prazer, ‘rir’, descontraír. Penso que o idoso tem todo o tempo de correr atrás de atividades que lhe oferecem prazer e bem estar”. (Aluno C)

“Sendo o lazer na educação para o idoso e logicamente para as demais faixas etárias como fator importante de realização pessoal e melhora da qualidade de vida. E não apenas como ocupação de tempo livre”. (Aluno D)

Para o Aluno A, sua concepção de lazer na educação dos idosos é relacionada ao pouco tempo disponível (ao lazer), decorrente de atitudes passivas para com a acessibilidade à educação:

“No caso o lazer na educação para idoso é fundamental, pois relatos que ouço e exemplos que vejo no meu dia a dia trabalhando com eles é de que descobriram outra forma de viver, muitas vezes ainda não experimentada devido a não possibilidade anterior de acesso a educação, pouco tempo disponível ao lazer, muitas vezes decorrente da formação rígida da geração que pertencem. Vejo isto principalmente relatado pelas mulheres idosas em universidades, grupos de convivência e assim também formam grupos para atividades de lazer de um modo geral”.

Retomando Parker (1978) e Marcellino (2004b), o conceito de lazer pode estar fundamentado no aspecto de atitude ativa (ou passiva), a que o indivíduo ou grupo se dispõe a viver, contribuindo para um satisfatório estilo de vida e qualidade das atividades desenvolvidas.

“O lazer é o encontro do ser com o seu meio e seus desejos”. (Aluno D)

À medida que a busca por um estilo de vida remete no indivíduo e no grupo a uma tomada de consciência, as atividades de lazer passam a ser relacionadas

com uma cultura física, manual, intelectual, artística ou social, em meio a um tempo e espaços de aprendizagem.

“Estar fazendo atividades que realmente exigem o pensar, o compreender. Na verdade combinando o fazer e o compreender”. (Professor 3)

“Atualização sócio-política, lazer cultural (cine, teatro, turismo, música e dança) e uma atividade voluntária, se possível”. (Aluno B)

Dumazedier (2004 a) situa o lazer como um elemento central da cultura, e preconiza algumas categorias sociais, destacadas a seguir na fala dos entrevistados, respectivamente como: *“homo faber”*, numa relação com o emprego do lazer para a prática de atividades voluntárias, de estudo e trabalho:

“Na minha opinião o idoso precisa trabalho e envolvimento em qualquer aspecto de sua vida. Considero que o lazer para ele é estudar, trabalhar e se sentir útil, porque só sua participação na sociedade (em todos os grupos etários e sociais), colaboração, doação podem levar ao bem estar, que é o que imagino possa-se querer com o lazer. Assim, uma boa idéia para o lazer de idosos, que envolve muita educação, é trabalhar como voluntários em associações diversas, abrigos de crianças, asilos de idosos carentes, institutos de preservação ambiental – de forma a que possam contribuir para deixar no mundo uma sociedade mais justa”. (Aluno T)

Como *“homo ludens”*, priorizando na concepção de lazer a necessidade da prática de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, para se atingir níveis de interação social.

“Posso estar enganada, mas entendo como atividades lúdicas que tem por objetivos: a) postura crítica da pessoa idosa (compartilhar idéias); b) integração social (sociabilidade) tendo em vista a necessidade do idoso pertencer a um grupo de pessoas e interagir com as mesmas; c) qualidade de vida (sentimento de ser útil, de pertencimento ao grupo social, etc)”. (Aluno E)

Nota-se no Aluno C, a preocupação da diferenciação das atividades voltadas ao público idoso com as atividades oferecidas no universo infantil:

“Se falássemos em crianças estaríamos nos referindo aos jogos e brincadeiras. E para o idoso? Esta atividade muda para lazer?”.

Percebemos no Professor 1, a influência do seu trabalho docente aplicando a cultura vivida a partir da categoria social “*homo imaginarius*”, e da importância dos meios de comunicação e das obras de ficção:

“Eu trabalho com a questão do cinema e entendo que seja importante que este trabalho venha junto com uma transformação no sentido subjetivo, intelectual, cognitivo. Assistir um filme é agradável e prazeroso mas a mesmo tempo ele tem que trazer alguma bagagem que propicie uma formação. Mesmo quando penso o lazer descompromissadamente, acredito como educadora que ele sempre acrescentará alguma coisa. Assim como viajar que nos deixa alimentada e enriquecida, esta forma de lazer leva o sujeito a outros horizontes”.

São os mesmos meios de comunicação (cinema, teatro, jornais, rádios, televisão, revistas, dentre outros), instrumentos do mundo real, de ficção e imaginário (“*homo imaginarius*”) que se apresentam disseminadores dos conteúdos apresentados pelas atividades do lazer.

No “*homo socius*”, temos a relevância das atividades que acontecem fora do ambiente doméstico e responsáveis por uma interessante estratégia para a inserção do indivíduo na sociedade. Para o Aluno N, sua concepção de lazer, “*é qualquer atividade (exercícios físicos, viagens, passeios, cursos, etc) que possibilite ao idoso estar inserido na sociedade, ser atuante, respeitado e que possa se desenvolver nos aspectos biológico, psicológico e social*”, que para o Aluno X, está associado a qualidade de vida, em meio a ações preventivas.

“Hoje com o aumento da longevidade preocupa-se com a qualidade de vida dos idosos, o lazer faz com que o indivíduo saia de sua concha, do cotidiano e sendo este lazer saboroso, automaticamente torna-se uma rotina sadia, produtiva e preventiva contra a depressão, solidão e outras moléstias”.

Assim como Marcellino (2002) entendo que o lazer não é somente o tempo de distração, recreação e entretenimento, mas também de informação – desinteressada ou não. Os entrevistados a seguir relacionam a categoria social “*homo sapiens*” a importância dos espaços educativos e de lazer, para a troca de conhecimento e a promoção de atividades. Promovida pela ação de grupos específicos para pessoas em processo de envelhecimento, formais e não formais,

estes espaços apresentam-se como agremiações, associações de bairros, clubes, museus, faculdades abertas da terceira idade, dentre outros.

“o lazer na educação” corresponderia às atividades que, além da apropriação de novos conhecimentos, tenham como objetivo que os alunos interajam, se divirtam e desfrutem os momentos que estão juntos nessa atividade educativa. Exemplos desse tipo de atividade são saídas a museus, viagens a outras cidades com algum atrativo específico, concertos, teatro, exposições, palestras, lugares históricos, etc”. (Aluno K)

“A socialização é muito importante portanto as faculdades abertas da terceira idade e/ou grupos da terceira idade também são importantes, pois há uma troca muito importante de dados, solidariedade, inclusão social, promovem reflexão, viagens culturais, festas, sarau, etc...” (Aluno R)

“A educação é um meio de tornar público o envelhecimento em espaços públicos transformados em espaços de saber, saber fazer e saber conviver, saber ser considerando-se as peculiaridades locais. Os clubes, o teatro, corais, turismo, academias são espaços de educação e os programas de lazer devem estar relacionados a educação”. (Professor 4)

Sendo estes espaços, equipamentos específicos ou não específicos de lazer, e como tal espaços para relacionamentos e apresentação de programas, através de atividades, temos nesta categoria – atividades - a maior incidência de respostas dos entrevistados. Para eles, a concepção de lazer na educação dos idosos está relacionada a possibilidade de realização de atividades prazerosas associadas a desenvolvimento de capacidades, que para Dumazedier (1980), Camargo (1986) e Schwartz (2003) contemplam a busca por conteúdos culturais baseados nos interesses: físico, prático, artístico, intelectual, social, turístico e virtual.

“É qualquer atividade (exercícios físicos, viagens, passeios, cursos, etc)”. (Aluno N)

“Atividades psicomotoras. Atividades que envolvam corpo e mente”. (Aluno O)

“Entendo lazer como atividade física, cultural ou social que faz parte da vida do idoso no dia-a-dia visando o bem estar físico, emocional e social”. (Aluno H)

A multiplicidade de atividades movidas pelos diversos interesses culturais, acabam por abranger também condições para que as mesmas atividades possam

ser compartilhadas por diferentes faixas etárias. As relações inter-geracionais são mostradas a seguir pelos entrevistados Q e C, num processo de reciprocidade:

“Lazer é dançar, é ler, é viajar, é ir ao cinema, é passear com os netos, então lazer para idoso é convívio e muita atenção”. (Aluno Q)

“Tomo como exemplo minhas avós: que fazem musculação para o corpo e saúde, aulas de jardinagem, jogam baralho com as amigas, vão ao cinema, assiste a televisão, viaja para o campo e para a praia, lê todo o jornal e faz as palavras cruzadas, joga paciência no computador, às vezes vê seu e.mail com a ajuda dos netos, tem aulas de atualidades e chá com as amigas. Ou seja, uma vida social ativa”. (Aluno C)

“Os idosos do asilo também realizam atividades de artesanato que não faziam antes, com isso aprendem, divertem-se, conversam com os outros participantes e usam a criatividade”. (Aluno H)

A partir das atividades como instrumentos de integração social, notamos que alguns entrevistados dão ênfase em suas respostas, articulando lazer e educação, em meio a um exercício de cidadania, permanente.

“São atividades que tem como objetivo, auxiliar o idoso a se conscientizar de seus direitos e deveres perante a sociedade, e de seu papel enquanto cidadão capaz de provocar mudanças significativas para melhora a qualidade de vida e conseqüentemente uma velhice saudável e prazerosa”. (Aluno F)

“É fornecer uma educação continuada para os idosos de maneira prática, prazerosa, humanística e social, à medida que o lazer pode constituir alguma atividade extra muros, realizada com satisfação e alegria e promovendo a convivência entre idosos e, por vezes sua reinserção na sociedade”. (Aluno G)

“...Nesse sentido, penso que o lazer na educação para os idosos, seja a oportunidade deles escolherem uma atividade prazerosa (pintura, teatro, cinema, dança, eles quem sabem) a qual vão poder desenvolver, aprender, crescer intelectualmente, emocionalmente, socialmente, fisicamente”. (Aluno M)

“Lazer na educação para mim é: fazer passeios culturais como teatro, museus, shows, eventos como feiras/ exposições, passeios ecológicos, viagens ao interior em cidades históricas, para assim acumular capital cultural”. (Aluno R)

Independentemente das atividades serem realizadas em espaços educativos ou não, temos conhecimento de que algumas instituições de ensino, desenvolvem seus programas através das Faculdades e/ou Universidades Abertas da Terceira Idade, como nos lembram os entrevistados a seguir:

“Quando você pergunta lazer na educação eu não sei se está se referindo às universidades da terceira idade mas eu acredito que educação está inserida na vida diária e em qualquer atividade. As pessoas sempre estão aprendendo. Por exemplo, um idoso que convive com netos está constantemente aprendendo e ensinando. Nesse caso se caracteriza uma atividade educacional e de lazer”. (Aluno H)

“Considerando ‘educação para idosos’ dentro da idéia da educação continuada praticada pelas universidades para a terceira idade”. (Aluno K)

Porém, para o entrevistado Aluno I, o lazer na educação não deve adotar um caráter puramente lúdico e descomprometido, é preciso que se considere seu importante papel como instrumento da educação, e para tal, deve vir acompanhado de ações educativas conscientes, como planejamento e avaliação.

“Considero muito importante o papel do lazer na educação e dou exemplos de como entendo a questão: uma visita a um museu pode ser muito educativa, assim como ao cinema, teatro, etc. devendo ser acompanhada de um planejamento (o que estamos indo fazer?) qual o objetivo do programa? E de uma avaliação (nós acabamos observando o que nos propusemos a observar? Foi possível ter mais algum ganho cultural?.” (Aluno I)

As variações pedagógicas das atividades que acontecem no tempo de lazer e que estão presentes nos mais diversos espaços educativos, como disciplinas ou atividades extra curriculares, apresentam-se, na fala do entrevistados, em duas dimensões – educação pelo lazer e na educação para o lazer. No primeiro caso temos, na indagação do aluno S, o posicionamento quanto a uma educação mais prazerosa (como nos lembra a educação na infância), porém diferenciada para a outra etapa da vida: a velhice.

“Apenas não ficou claro para mim se você quer propor uma educação ‘light’, tornando-a mais aplicável ou educar o lazer, tornando-a mais atualizado? Não se esqueça a velhice não é a segunda infância e educar é coisa séria”. (Aluno S)

Ou como no caso da fala do entrevistado, Professor 6, a educação pelo lazer é retratada também de maneira prazerosa por não estar vinculada a obrigações e imposições:

“além de entreter, relaxar ou descontrair, acrescentando conhecimento e informação, ampliando o patrimônio cultural do educando, transformando, por exemplo as aulas e leituras de textos em algo que tenha sempre um sentido ou caráter prazeroso, agradável e nunca como uma coisa imposta ou obrigatória, complementada com cobranças acadêmicas e avaliações de desempenho”. (Professor 6)

No segundo caso, na educação para o lazer, encontramos na fala dos entrevistados, a educação como veículo para a independência e autonomia em busca de melhor qualidade de vida, no pleno sentido da cidadania:

“A minha concepção de lazer para idoso é vê-lo inserido em um grupo onde ele seja respeitado, ouvido, e onde possa desfrutar de uma programação saudável tanto culturalmente como fisicamente. Penso ser muito importante o idoso sentir-se querido, esperado pelo grupo, e que tenha certa independência, podendo, sem depender da família fazer o seu dia a dia de forma agradável”. (Aluno J)

“Lazer na educação para o idoso entendo como educar idosos para a qualidade de vida com consciência do que se está fazendo, mas sem o estresse da educação para se atingir notas ou objetivos mais acadêmicos”. (Aluno L)

“O lazer é fundamental no processo de educação contínua dos idosos desde que possibilita, em princípio, a prática de atividades e a vivência de situações que resultam de escolhas pessoais, livres da obrigatoriedade de compromissos de trabalho ou decorrentes de obrigações formais. Vivenciando o lazer os idosos fortalecem sua autonomia, o que possibilita despertá-los para exercício da cidadania na velhice. Praticando atividades e lazer, os idosos constroem, de maneira prazerosa, novos significados para viverem individual e coletivamente, num processo constante de busca da sua felicidade”. (Professor 5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a problemática lançada para o desenvolvimento desta pesquisa, sobre que concepções de lazer possuíam alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento de uma instituição particular do estado de São Paulo, percorremos a trajetória da dissertação a partir do interesse pela temática e experiência pessoais e profissionais da autora nos diversos segmentos do lazer.

Associados ao processo de envelhecimento em meio a um tempo livre e a possibilidade de educação permanente, recorreremos às concepções do educador e sociólogo Joffre Dumazedier (consultor do SESC São Paulo nas décadas de 70 e 80) e demais pesquisadores da área para a fundamentação teórica deste trabalho.

O momento seguinte foi de ir a campo. Inicialmente, a partir da elaboração de formulário e envio, eletronicamente, criou-se um contato com os alunos (alguns colegas de classe da pesquisadora enquanto aluna do curso de extensão, módulos 1 e 2, do ano de 2004) e demais professores do corpo docente. Em algumas situações, o contato eletrônico estendeu-se para o contato telefônico, troca de gentilezas e apoio ao desenvolvimento do trabalho. Em outro oposto, tivemos dificuldades para com o retorno das respostas: alguns dados cadastrais encontravam-se desatualizados e, de outro lado, algumas pessoas sequer retornavam a resposta, apesar de insistentes contatos – o que infelizmente nos mostra o descaso – de alguns - para com a importância da pesquisa.

Partindo do pressuposto que havia um desconhecimento destes quanto à amplitude da temática, foi possível a partir da análise dos dados – de forma atenta mas prazerosa – constatar que temas como as funções e os características do lazer; sua relação com questões como tempo, atitude, cultura vivida, atividades, espaços; a articulação existente entre a educação, o processo

de envelhecimento e os momentos de lazer estiveram presentes na fala dos entrevistados.

Tendo em vista a relevância social e acadêmica das temáticas lazer, educação e envelhecimento, a pesquisadora procurou apresentar, através deste trabalho, a abrangência dos aspectos educativos do lazer através de atividades aplicadas nos diferentes espaços educativos (extra ou inter curriculares), bem como provocar a reflexão dos egressos das mais diversas áreas de estudo (Humanas: Administração de Empresas, Arquitetura, Direito, História, Jornalismo e Pedagogia; Exatas: Tecnologia da Informação e Engenharia Mecânica; e Biológicas: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Terapia Ocupacional), incentivando-os na descoberta de novas possibilidades de atuação educativa.

Com o desenvolvimento de atividades educativas em meio ao tempo livre, através deste trabalho, pudemos constatar que muitos profissionais já estão atuando em instituições de ensino e sociais, públicas ou privadas, de maneira diferenciada e eficaz. Acreditamos que por desconhecimento da existência de uma rede teórica sobre o lazer, muitos destes desconhecem que através de seus planejamentos de ações que tangenciam as atividades culturais e de lazer, já relacionam a aprendizagem em meio ao processo de envelhecimento a partir dos interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, sociais, turísticos e virtuais, sem associá-las ao excesso de zelo aplicado às crianças, com atividades infantilizadas e banalizadas.

Finalmente, mas longe de assumir um caráter definitivo, este trabalho procura incentivar os profissionais e pesquisadores do lazer, que associam a prática profissional com os estudos teóricos, a perseverarem na disseminação da temática, levando ao conhecimento de todos os interessados as diversas possibilidades de atuação no campo do Envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. e MASETTO, M. T. **O professor universitário em sala** (11ª edição). São Paulo: MG Editora, 1990
- ABRAMOWICZ, M. **Avaliando a avaliação da aprendizagem: um novo olhar**. São Paulo: Lúmen, 1996.
- ALMEIDA, M.C. e CARVALHO, E.A A (orgs) **Edgard Morin. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- ARANTES, A. **“Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre”** Cadernos IFCH, Campinas, UNICAMP, n.27, s.d. apud BRUHNS, H. T. Lazer e consumo: elementos para reflexão in BRUHNS, H. T. e GUTIERREZ G. L. (orgs) – **Enfoques contemporâneos do lúdico** – Coleção EF e Esportes da Unicamp – Campinas: Autores Associados: 1993
- ANSARAH, M.G.R, Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 1998 apud ANSARAH, M. G. R. **Apostila da disciplina de fundamentos do Lazer e Turismo**, 2003.
- BACAL, S. **Lazer e o universo dos possíveis**. (2ª Edição) São Paulo: Ed. Aleph, 2003
- BARCELLOS, M. A **Tese: Centro lúdico e artístico em situações de lazer**. São Paulo, Faculdade de Comunicação e Artes da USP, 1983.
- BECKERS, T. **O capital humano no lazer**. In Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: Sesc,1998 (p.251-266).
- BERQUÓ, E. **Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil**. Trabalho apresentado para o Seminário Internacional sobre envelhecimento populacional: uma agenda para o fim do século. Brasília, 1996 apud PALMA, Lucia Terezinha Saccomori. Educação permanente e qualidade de vida . Editora UPF, 2000.
- BERTINI, V. M. R. **O pensamento de Joffre Dumazedier e de Nelson Camargo Marcellino: algumas convergências e diferenças no campo do lazer** (p.111-125). In Licere – vol .8 n. 1, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2005.
- BRAMANTE, A. C. **O entendimento do termo lazer**. Campinas, FEF UNICAMP, 1994 (mimeo)

BRUHNS, H T. (orgs). **Introdução dos Estudos do Lazer**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

____. **Temas sobre lazer**.Campinas: Ed. Autores Associados, 2000

____. **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002

CAMARGO, L. O L. . **O que é lazer**. (3ª edição). São Paulo: Brasiliense, 1986.

____. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998. .

____. **Sociologia do Lazer** (p.235-275). In ANSARAH, M. (org) **Turismo: Como aprender, como ensinar**. São Paulo. SENAC,2002 .

____. **As práticas de lazer da população**. In CAMARGO, L.O.L. *Lazer: teoria e prática*. São Paulo: Manole (no prelo).

____. **O mercado de trabalho em Lazer**. Anais IX ENAREL – Belo Horizonte: 10 a 13/12/1997 (p. 684-685).

____. **Joffre Dumazedier por Luiz Octávio de Lima Camargo** (p.81-95) In *Licere* – vol .6 n. 2, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2003.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991

CAVALCANTI, K. B. **Dumazedier e a poética da complexidade na construção se saberes sobre o lazer**. In *Licere* – vol .6 n. 2, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências sociais e humanas**. São Paulo: Vozes, 2006

____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 05/10/1988. Tít. 08, Cap. III, artigo 207. www.senado.gov.br/sf/legislacao (consultado em 02/05/2007)

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**. São Paulo: Cortez Editora, 2004

COSTA, N. O professor ideal. In DORIA, F. A (coord) *A crise da identidade*, Rio de Janeiro: Revan, 1998. Apud CASTANHO, M. E. *Sobre professores marcantes*. In CASTANHO, S. e CASTANHO, M. E. (orgs) et al **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papirus, 2001.

CUNHA, M. I. **O professor universitário na transição dos paradigmas**. Araraquara, J.M Editora, 1998.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade** (1ª edição). São Paulo: Saraiva, 1992

DE MASI, D. **O ócio criativo** (8ª edição). Rio de Janeiro: Sextante, 2000

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

____. **A Revolução cultural do Tempo Livre**. Studio Nobel, SESC, 1994.

____. **Lazer e cultura popular** (2ª edição). São Paulo: Perspectiva, 2004 (a)

____. **Sociologia empírica do lazer** (2ª edição). São Paulo: Perspectiva e SESC SP, 2004 (b)

ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741 - 01/10/03- www.soleis.adv.br – consultado em 06/10/2006

FALEIROS, M. I. L. **Repensando o lazer**. In Perspectivas, São Paulo: UESP Jílio de Mesquita Filho, 1980 (p.51-65)

FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. Campinas: Papirus, 1999.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. São Paulo: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996

GELPI, E. **Lazer e educação permanente: tempos, espaços, políticas e atividades de educação permanente**. São Paulo, SESC, 1983

GOLDMAN, S. N.. **Envelhecimento e educação permanente: uma pedagogia específica para os idosos?** (p. 27-43). Revista Kairós. PUC/SP. Ano 2, n.2 (1999) – São Paulo: EDUC, 1998.

GOMES, C. M., REJOWISKY, M. **Lazer enquanto objeto de estudo científico: teses defendidas no Brasil** (p. 9-28) In Licere – vol .8 n. 2, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2005.

GOMES, C. L. (org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

GUIDDENS, A Capitalismo e moderna teoria social.(3ª edição) Lisboa: Presença, 1994. Apud WERNECK, C.L.G. **Lazer, trabalho e educação – relações históricas, questões contemporâneas**. Minas Gerais: CELAR, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo ludens** (5ª edição). São Paulo: Perspectiva, 2004.

ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. **Lazer, mercado de trabalho e atuação profissional** (p.75) In: WERNECK, C (ORG) Lazer e mercado, Campinas: Papyrus, 2001

KACHAR, V. **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2001

____. **Terceira Idade e Informática**. São Paulo: Editora Cortez, 2003

____. **Depoimento** com a coordenadora executiva do Curso de Extensão Educação e Envelhecimento, em 27/12/2006

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. (2ª edição) São Paulo: HUCITEC, UNESP, 1999

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática. 1991 (p.61). Apud STUCHI, S. Espaços e equipamentos da recreação e lazer (p.105-121). In BRUHNS, H. T. **Introdução aos estudos do lazer** (orgs) et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994

LIMA, M. P. **Gerontologia Educacional**. São Paulo: Editora LTr, 2003

____. **Gerontologia Educacional**. Revista Kairós – V. 4 – n.1, 2001 – p. 110

LUDKE, M. e ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

LUNA, S.V. **Planejamento de Pesquisa – uma introdução**. São Paulo, EDUC, 2002

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989

MARCELLINO, N.C (orgs) et al. **Lazer: Formação e atuação profissional**. Campinas: Papyrus, 2001 (4ª edição).

____. **Lazer e humanização** (8ª edição). Campinas: Papyrus, 2004 (a).

____. **Lazer e educação**. (11ª edição) Campinas: Papyrus, 2004 (b)

____. **Estudos do lazer – uma introdução**. (3ª edição ampliada). Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. (3ª edição) São Paulo: HUCITEC/ UNESP, 2003

MARCASSA, L. . **Lazer – Educação** (p.126-133) In GOMES, C. L. (org.) Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MARQUEZ F^o, E. **Atividade física no processo de envelhecimento**. São Paulo, SESC, 2003

MASCARENHAS, F. **Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo** (p.72-89) In Licere – vol 3, n.01, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2000

____. **O lazer como prática da liberdade**. Goiânia: Ed. da UFG, 2003

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MELO, V. A. e ALVES, E. D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003

MELO, V. A. Animação cultural (p.12-15) In GOMES, C. L. (org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

____. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ed. ? (1997)

____. Conteúdos culturais (p.51-53) In GOMES, C. L.(org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MIRANDA, N. **200 jogos infantis**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989 (11ª Edição)

MIRANDA, D. S. **Enfoques culturais na formação e atuação do profissional de lazer**. XII ENAREL : Camboriu, 2000 (p.75).

____. Apresentação In DUMAZEDIER, J. **A Revolução cultural do Tempo Livre**. Studio Nobel, SESC, 1994.

____. Prefácio In DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. (2ª edição). São Paulo: Perspectiva e SESC SP, 2004 (b)

NETTO, A. J. Texto: **Na sala de aula com prazer aos 60,70,90 anos**
http://aol.universiabrasil.net/portalda/actualidad/noticia_actuaidadjsp?noticia=79475, de 04/10/2004 - consultado em 17/10/2004

NÓVOA, A (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1992.

PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas: Editora Alínea, 2000

PALMA, L. T. S. **Educação permanente e qualidade de vida** . Editora UPF, 2000.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

PERRENOUD, P e THURLER, M. As competências para ensinar no século XXI. Porto Alegre: Artmeed, 2002: (p. 19). Apud MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**, São Paulo: Summus editorial, 2003 (p.25).

PINA, L. W. **Animação sociocultural: conceitos**. 1995/1996 (mimeo)

REQUIXA, R. **As dimensões do lazer**. São Paulo: Sesc, 1974.

RIBEIRO, O. C. F. **Dissertação: A influência dos agentes sociais nos interesses físico-esportivos do lazer**. Campinas: UNICAMP/ FEF, 1997.

RUSSEL, B. **O elogio do lazer**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, s.d.

SANTINI, R. C. G. **Dimensões do lazer e da recreação: questões espaciais e psicológicas**. São Paulo: Angelotti, 1993.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000

SAVIANI, D. **Escola e democracia** (33ª edição). Campinas: Autores Associados, s.d.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, F. S.S. **Turismo e psicologia no envelhecer**. São Paulo: Ed. Roca, 2002

SNYDERS, G. Feliz na Universidade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995. Apud CASTANHO, M. E. Sobre professores marcantes. In CASTANHO, S e CASTANHO, M. E. (orgs) et al **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001.

STANO, R. C. M. T. **Espaço escolar: um tempo de ser na velhice** (p. 155-168) In KACHAR, V. Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Editora Cortez, 2001

STUCCHI, S. **Espaços e equipamentos de recreação e lazer** (p.105-118) In BHUHNS, H. T. (orgs). Introdução aos estudos do lazer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997

SCWARTZ, G. M. **O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier** (p. 23-31). In Licere, Belo Horizonte: CELAR, EEF da UFMG, 2003

SZYMANSKI, H., ALMEIDA, L. R., BRANDINI, R.C.A.R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Líber Livro, 2004.

VALENTE, J. A. **Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade**. (p. 27-44) In KACHAR, V. Longevidade: um novo desafio para a educação. São Paulo: Editora Cortez, 2001

WAICHMAN, P. **Tempo livre e recreação**. Campinas: Papyrus, 1997

WERNECK, C.L.G. **Lazer, trabalho e educação – relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR – DEF/ UFMG, 2000.

_____. **Lazer e mercado: panorama atual e implicações na sociedade brasileira**. In WERNECK, C.L.G., STOPPA, E. e ISAYAMA, H.F. Lazer e mercado. Campinas: Papyrus, 2001 (p13).

WERNECK, C.L.G., STOPPA, E. e ISAYAMA, H.F. **Lazer e mercado**. Campinas: Papyrus, 2001

_____. **Mesa redonda: a constituição do lazer como campo de estudos científicos** (p.77). XII ENAREL, Camboriu: 2000

ZVEIBIL, S. J. **A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: o projeto educacional e a cultura acadêmica**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

Periódicos:

A terceira Idade. São Paulo: SESC, vol.14, nº28, setembro de 2003

A terceira idade no terceiro setor. São Paulo: Diário de São Paulo, Caderno Idoso e bem-estar, 19/10/2005.

Consumidor da 3ª Idade gasta mais com cartão que jovens. São Paulo: Jornal Diário do Grande ABC, Caderno de Economia, 05/04/06

Filme:

Tempos Modernos. Direção de Charles Chaplin (1936).

Sites:

www.renex.org.br/arquivos/pne/planonacionaldeextensao.doc (consultado em 02/05/2007)

www.cbeu.ufsc.br (consultado em 02/05/2007)

APÊNDICE

Formulário de Pesquisa

Programa de Educação – Currículo da PUC de São Paulo Pesquisadora: Profª Esp. Mônica Ferreira de Araújo Orientadora: Profª Dra. Mere Abramowicz
PESQUISA DE CAMPO
Identificação Nome: Formação: Atuação profissional:
Questão única: “Qual sua concepção de lazer na Educação dos Idosos?”
Obrigada pela colaboração!

Quadro 1: Curso oferecido no período de 2002 a 2006, por módulos.

Ano	Curso	1º semestre	2º semestre
2002	Educação e projetos curriculares para atuação junto ao idoso	Módulo Único 68 horas/ aulas	x
2003	Educação e projetos curriculares para atuação junto ao idoso	Módulo Único 76 horas/ aulas	x
2004	Educação e envelhecimento	Módulo I 48 horas/ aulas	Módulo II 48 horas/ aulas
2005	Educação e envelhecimento	Módulo I 52 horas/ aulas	Módulo II 52 horas/ aulas
2006	Educação e envelhecimento	Módulo I 56 horas/ aulas	Não oferecido

Quadro 2A: Entrevistados – ALUNOS

Turmas	Indicados para consulta	Responderam	Sem manifestação	Problemas de comunicação
2002	3	0	2	1
2003	14	3	6	5
2004 A	27	11	12	4
2004 B	7	2	4	1
2005	11	3	8	0
2006	12	5	4	3
Total	74 100%	24 32,5%	36 48,6%	14 18,9%

Obs.: A turma 2004 A era composta por 28 alunos (a pesquisadora deste trabalho não fez parte da população). A turma 2004 B, era composta por 28 alunos da turma 2004 A mais os 07 que se matricularam no módulo 2.

Quadro 2B: Entrevistados – PROFESSORES

Turmas	Indicados para consulta	Responderam	Sem manifestação	Problemas de comunicação
Docentes	12	6	4	2
Total	100%	50%	33,5%	16,5%

Quadro 3A: Titulação - ALUNOS

Titulação	Entrevistados	(%)
Mestre	3	12,5%
Especialista	4	17%
Graduado	16	67%
Não informado	1	3,5%

Quadro 3B: Titulação - PROFESSORES

Titulação	Entrevistados	(%)
Livre docente	1	15%
Doutor	5	85%

Quadro 4A: Formação - ALUNOS

Áreas de Formação	Entrevistados	(%)
Exatas (Tecnologia da Informação)	1	3,5%
Humanas (Administração de Empresas, Arquitetura, Direito, História, Jornalismo e Pedagogia)	14	48%
Saúde (Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Terapia Ocupacional)	13	45%
Não informado	1	3,5%

Obs.: 4 entrevistados possuem 2 graduações

Quadro 4B: Formação - PROFESSORES

Áreas de Formação	Entrevistados	(%)
Exatas (Engenharia Mecânica)	1	15%
Humanas (Pedagogia)	5	70%
Saúde (Psicologia)	1	15%

Obs.: 1 entrevistado possui 2 graduações

Quadro 5A: Atuação profissional - Alunos

Profissão	Entrevistados	%
Professor	7	29%
Professor Aposentado	1	4,5%
Não professor	13	54%
Não informado	3	12,5%

Quadro 5B: Atuação profissional - Professores

Profissão	Entrevistados	%
Professor	6	100%

Quadro 6: Organização das respostas – TEMPO

Respostas	Categoria
<p>“tempo que é aproveitado para realizar atividades prazerosas...” (Aluno K)</p> <p>“No caso, o lazer na educação para idoso é fundamental, pois relatos que ouço e exemplos que vejo no meu dia a dia trabalhando com eles é de que descobriram outra forma de viver, muitas vezes ainda não experimentada devido a não possibilidade anterior de acesso a educação, pouco tempo disponível ao lazer, muitas vezes decorrente da formação rígida da geração que pertencem”. (Aluno A)</p> <p>“Atividades realizadas no tempo livre de ócio, que visam o bem estar da pessoa, divertir-se, ter prazer, “rir”, descontrair”. (Aluno C)</p> <p>“Penso que o idoso tem todo o tempo de correr atrás de atividades que lhe oferecem prazer e bem estar”. (Aluno C)</p> <p>“Sendo o lazer na educação para o idoso e logicamente para as demais faixas etárias como fator importante de realização pessoal e melhora da qualidade de vida, e não apenas como ocupação de tempo livre”. (Aluno D)</p>	<p>Tempo</p>

Quadro 7: Organização das respostas - ATITUDE

Resposta	Categoria
<p>“O lazer é o encontro do ser com o seu meio e seus desejos”. (Aluno D)</p> <p>“Estar fazendo atividades que realmente exigem o pensar, o compreender. Na verdade combinando o fazer e o compreender”. (Professor 2)</p>	<p>Atitude</p>

Quadro 8: Organização das respostas – CULTURA VIVIDA

Respostas	Categoria
<p>“o lazer para ele é estudar, trabalhar e se sentir útil , porque só sua participação na sociedade pode levar ao bem estar, que é o que imagino possa-se querer com o lazer”. (Aluno T)</p> <p>“...uma boa idéia para o lazer de idosos, que envolve muita educação, é trabalhar como voluntários em associações diversas, abrigos de crianças, asilos de idosos carentes, institutos de preservação ambiental – de forma que possam contribuir para deixar no mundo uma sociedade mais justa”. (Aluno T)</p>	<p>Cultura vivida: Homo faber</p>
<p>“relaciono lazer com jogos pedagógicos como exercício fisiológico e mental”. (Aluno R)</p> <p>“Se falássemos em crianças estaríamos nos referindo aos jogos e brincadeiras. E para o idoso? Esta atividade muda para lazer”? (Aluno C)</p> <p>“Posso estar enganada, mas entendo como atividades lúdicas que tem por objetivos: a) postura crítica da pessoa idosa; b) integração social; c) qualidade de vida”. (Aluno E)</p>	<p>Cultura vivida: Homo ludens</p>
<p>“É qualquer atividade (exercícios físicos, viagens, passeios, cursos, etc) que possibilite ao idoso estar inserido na sociedade, ser atuante, respeitado e que possa se desenvolver nos aspectos biológico, psicológico e social”. (Aluno N)</p> <p>“Hoje com o aumento da longevidade preocupa-se com a qualidade de vida dos idosos, o lazer faz com que o indivíduo saia de sua concha, do cotidiano e sendo este lazer saboroso, automaticamente torna-se uma rotina sadia, produtiva e preventiva contra a depressão, solidão e outras moléstias”. (Aluno X)</p> <p>“...sou contra o sedentarismo, seja ele físico ou mental. Toda tentativa de arrancar as pessoas do ostracismo é válida”. (Aluno S)</p>	<p>Cultura vivida: Homo socius</p>

<p>“Eu trabalho com a questão do cinema e entendo que seja importante que este trabalho venha junto com uma transformação no sentido subjetivo, intelectual, cognitivo...Assim como viajar que nos deixa alimentada e enriquecida, esta forma de lazer leva o sujeito a outros horizontes”. (Professor 1)</p>	<p>Cultura vivida: Homo imaginarius</p>
<p>“A socialização é muito importante portanto <i>as faculdades abertas da terceira idade e/ou grupos da terceira idade</i> também são importantes, pois há uma troca muito importante de dados, solidariedade, inclusão social, promovem reflexão, viagens culturais, festas, sarau, etc...” (Aluno R)</p>	<p>Cultura vivida: Homo sapiens</p>

Quadro 9: Organização das respostas - ESPAÇOS

Respostas	Categoria
<p>“A socialização é muito importante portanto as faculdades abertas da terceira idade e/ou grupos da terceira idade também são importantes...” (Aluno R)</p> <p>“A educação é um meio de tornar público o envelhecimento em espaços públicos transformados em espaços de saber, saber fazer e saber conviver, saber ser considerando-se as peculiaridades locais. Os clubes, o teatro, corais, turismo, academias são espaços de educação e os programas de lazer devem estar relacionados à educação”. (Professor 4)</p> <p>“Considerando “educação para idosos” dentro da idéia da educação continuada praticada pelas universidades para a terceira idade ...” (Aluno K)</p> <p>“Quando você pergunta lazer na educação eu não sei se está se referindo às universidades da terceira idade mas eu acredito que educação está inserida na vida diária e em qualquer atividade”. (Aluno H)</p>	<p>Espaços</p>

Quadro 10: Organização das respostas - ATIVIDADES

Respostas	Categoria
<p>“Tomo como exemplo minha avós: que fazem musculação para o corpo e saúde, aulas de jardinagem, joga baralho com as amigas, vai ao cinema, assiste a televisão, viaja para o campo e para a praia, lê todo o jornal e faz as palavras cruzadas, joga paciência no computador, às vezes vê seu e.mail com a ajuda dos netos, tem aulas de atualidades e chá com as amigas”. (Aluno C)</p> <p>“São atividades que tem como objetivo, auxiliar o idoso a se conscientizar de seus direitos e deveres perante a sociedade, e de seu papel enquanto cidadão capaz de provocar mudanças significativas para melhorar a qualidade de vida e conseqüentemente uma velhice saudável e prazerosa”. (Aluno F)</p> <p>“É fornecer uma educação continuada para os idosos de maneira prática, prazerosa, humanística e social, à medida que o lazer pode constituir alguma atividade extra muros, realizada com satisfação e alegria e promovendo a convivência entre idosos e, por vezes sua reinserção na sociedade”. (Aluno G)</p> <p>“Entendo lazer como atividade física, cultural ou social que faz parte da vida do idoso no dia-a-dia visando o bem estar físico, emocional e social”. (Aluno H)</p> <p>“Os idosos do asilo também realizam atividades de artesanato que não faziam antes, com isso aprendem, divertem-se, conversam com os outros participantes e usam a criatividade”. (Aluno H)</p> <p>“Considero muito importante o papel do lazer na educação e dou exemplos de como entendo a questão: uma visita a um museu pode ser muito educativa, assim como ao cinema, teatro, etc....” (Aluno I)</p> <p>“...nesse sentido, penso que o lazer na educação para o idoso, seja a oportunidade deles escolherem uma atividade prazerosa (pintura, teatro, cinema, dança, eles quem sabem) a qual vão poder desenvolver, aprender, crescer intelectualmente, emocionalmente, socialmente, fisicamente”. (Aluno M)</p>	<p>Atividades</p>

<p>“É qualquer atividade (exercícios físicos, viagens, passeios, cursos, etc)...” (Aluno N)</p> <p>“Atividades psicomotoras. Atividades que envolvam corpo e mente.” (Aluno O)</p> <p>“Lazer é dançar, é ler, é viajar, é ir ao cinema, é passear com os netos...” (Aluno Q)</p> <p>“Lazer na educação para mim é fazer passeios culturais como teatro, museus, shows, eventos como feiras/ exposições, passeios ecológicos, viagens ao interior em cidades históricas...” (Aluno R)</p> <p>“Dentro de minha atuação sempre lutei contra o sedentarismo, seja ela física ou mental, portanto sou a favor do agito”. (Aluno S)</p> <p>“o lazer na educação corresponderia às atividades que, além da apropriação de novos conhecimentos, tenham como objetivo que os alunos interajam, se divirtam e desfrutem os momentos que estão juntos nessa atividade educativa. Exemplos desse tipo de atividade são saídas a museus, viagens a outras cidades com algum atrativo específico, concertos, teatro, exposições, palestras, lugares históricos, etc” . (Aluno K)</p>	Atividades
---	-------------------

Quadro 11: Organização das respostas – LAZER E EDUCAÇÃO

Respostas	Articulação Lazer e Educação
<p>“A minha concepção de lazer para idoso é vê-lo inserido em um grupo onde ele seja respeitado, ouvido, e onde possa desfrutar de uma programação saudável tanto culturalmente como fisicamente. Penso ser muito importante o idoso sentir-se querido, esperado pelo grupo, e que tenha certa independência, podendo, sem depender da família fazer o seu dia a dia de forma agradável”. (Aluno J)</p>	Educação para o lazer

<p>“Lazer na educação para os idosos entendo como educar idosos para a qualidade de vida com consciência do que se está fazendo, mas sem o estresse da educação para se atingir notas ou objetivos mais acadêmicos”. (Aluno L)</p> <p>“Vivenciando o lazer, os idosos fortalecem sua autonomia, o que possibilita despertá-los para exercício da cidadania na velhice. Praticando atividades e lazer, os idosos constroem, de maneira prazerosa, novos significados para viverem individual e coletivamente, num processo constante de busca da sua felicidade”. (Aluno 5)</p>	<p>Educação para o lazer</p>
<p>“Apenas não ficou claro para mim se você quer propor uma educação ‘light’, tornando-a mais aplicável ou educar o lazer, tornando-a mais atualizado? Não se esqueça a velhice não é a segunda infância e educar é coisa séria”. (Aluno S)</p> <p>“além de entreter, relaxar ou descontrair, acrescente conhecimento e informação, ampliando o patrimônio cultural do educando, transformando, por exemplo as aulas e leituras de textos em algo que tenha sempre um sentido ou caráter prazeroso, agradável e nunca como uma coisa imposta ou obrigatória, complementada com cobranças acadêmicas o avaliações de desempenho”. (Professor 6)</p>	<p>Educação pelo lazer</p>
<p>“As pessoas sempre estão aprendendo. Por exemplo, um idoso que convive com netos está constantemente aprendendo e ensinando. Nesse caso se caracteriza uma atividade educacional e de lazer”. (Aluno H)</p> <p>“Considerando “educação para idosos” dentro da idéia da educação continuada praticada pelas universidades para a terceira idade...” (Aluno K)</p> <p>“O lazer é fundamental no processo de educação contínua dos idosos desde que possibilita, em princípio, a prática de atividades e a vivência de situações que resultam de escolhas pessoais, livres da obrigatoriedade de compromissos de trabalho ou decorrentes de obrigações formais”. (Professor 5)</p>	<p>Educação permanente</p>
<p>“O lazer não deve ser imposto. Muitos profissionais realizam atividades dirigidas aos idosos sem consultá-los, e acredito que ele que deve escolher aquilo que lhe dá prazer e/ou para o que tem habilidade”. (Professor 3)</p>	<p>Professores</p>

Quadro 12: Organização das respostas – FUNÇÕES DO LAZER

Respostas	Funções
<p>“Atividades realizadas nos tempos livre de ócio..” (Aluno C)</p>	<p>Descanso</p>
<p>“Atividades que visam o bem estar da pessoa, divertir-se, ter prazer, “rir”, descontraír”. (Aluno C)</p> <p>“Lazer para idoso entendo como diversão. Diversão no sentido de busca de qualidade de vida de uma forma descontraída, sem obrigação”. (Aluno L)</p> <p>“Minha concepção de lazer para os idosos, refere-se a uma escolha pela diversão, como jogos que além de tudo beneficiam a socialização, natação, caminhadas,...” (Aluno W)</p>	<p>Divertimento</p>
<p>“Para mim a idéia de lazer, seja ela qual for a idade, implica em fazer alguma atividade com prazer e que nos traga um crescimento interno. Esse crescimento pode ser cognitivo/ intelectual, emocional, social, etc”. (Aluno M)</p> <p>“Na minha opinião, o lazer para os idosos, deve ter atividades que agregue a construção, desenvolvimento e crescimento do sujeito. Onde ele possa desenvolver sua cognição, emoção e corpo. Fazê-lo sentir-se responsável por esse desenvolvimento e capaz de proporcionar isso para os outros”. (Aluno U)</p> <p>“...Pode ser também desenvolvimento de uma habilidade nova, ou a realização de um projeto sempre adiado”. (Professor 3)</p>	<p>Desenvolvimento</p>
<p>“no que se refere a educação para os idosos, penso que deve ter um sentido mais amplo, devendo ser desenvolvido como algo que além de entreter, relaxar ou descontraír, acrescente conhecimento e informação”.(Professor 6)</p>	<p>Os três D's</p>

Quadro 13: Organização das respostas – CARACTERÍSTICAS DO LAZER

Respostas	Características
<p>“Lazer para idoso entendo como diversão. Diversão no sentido de busca de qualidade de vida de uma forma descontraída, sem obrigação”. (Aluno L)</p>	<p>Liberatório</p>
<p>“Lazer é fazer algo prazeroso, independente da atividade, por exemplo ir às aulas da Faculdade Aberta da Terceira idade”. (Aluno Q)</p> <p>“...tudo aquilo que possa dar prazer e mostra ao idoso que ele é capaz de se divertir”. (Aluno W)</p>	<p>Hedonístico</p>
<p>“Lazer na educação para os idosos, acredito ser uma atividade que envolva o que ele gosta de fazer”. (Aluno P)</p> <p>“Penso que o idoso tem o direito de escolher as atividades de lazer que mais lhe agradam”. (Aluno V)</p>	<p>Pessoal</p>
<p>“Lazer na educação para os idosos, acredito ser uma atividade que envolva o que ele gosta de fazer e ou desperte algum interesse aliado a um desenvolvimento intelectual constante, com diferentes faixas etárias”. (Aluno P)</p>	<p>Desinteressado (de fins lucrativos, ideológicos ou utilitários)</p>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)